

**Evocações camonianas:
o IV Centenário da Estada de
Luis Vaz de Camões na Ilha de
Moçambique (1569-1969).
Parte II: As obras artísticas
comemorativas**

**Camonian evocations:
the IV Centenary of the stay of Luis
Vaz de Camões on the Island of
Mozambique (1569-1969).
Part II: The commemorative artistic
works**

Milton Pedro Dias Pacheco¹

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra;
CHAM - Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores;
Casa-Museu Elysio de Moura;
ORCID: 0000-0002-1574-8552; miltondpacheco@yahoo.com.br ; miltonpacheco@
fcsh.unl.pt

RESUMO

Justificado o contexto histórico e apresentado o processo institucional em que decorreu a realização do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)* na primeira parte deste estudo – com a identificação dos membros das comissões oficiais promotoras dos eventos e a avaliação das atividades culturais propostas no programa definitivo implementado na então província moçambicana –, importa agora proceder à análise dos conjuntos artísticos encomendados entre os anos de 1968 e 1969.

A abordagem proposta para esta segunda parte assenta na apresentação, interpretação e confrontação das obras produzidas no âmbito das comemorações de 1969: as coleções filatélicas impressas, a medalha cunhada e a escultura fundida. Complementarmente, procurar-se-á ainda identificar os agentes ativos, os oficiais responsáveis pela encomenda e os artistas envolvidos na conceção artística e execução material das obras, confrontar os modelos de influência artística e averiguar os modos de produção.

PALAVRAS-CHAVE

Camões, Luís Vaz de; Comemorações históricas de 1969; Escultura camoniana; Filatelia camoniana; Ilha de Moçambique; Medalhística camoniana; Obras artísticas celebrativas; Propaganda do Estado Novo

ABSTRACT

In the first part of this study, it was justified and explained the historical context and the institutional process regarding the *IV Centenary of the stay of Luis de Camões on the Island of Mozambique (1569-1969)*. After the identification of the official commissions members responsible for the events and the evaluation of the cultural activities proposed in the definitive program implemented on the Mozambican province, we proceed now to the analysis of the artistic sets commissioned between the years of 1968 and 1969.

The approach proposed for this second part is based on the presentation, interpretation and confrontation of the works produced in the context of the commemorations of 1969: the printed philatelic collections, the minted medal and the casted sculpture. In addition, an attempt will be made to identify the active agents, the officials responsible for the works commissions and the artists involved in the conception and material execution, comparing the models of artistic influence and investigating the modes of production.

KEYWORDS

Camões, Luis Vaz de; Camonian medal; Camonian philately; Camonian sculpture; Celebratory artistic works; Estado Novo propaganda; Historical commemorations of 1969; Mozambique Island

As obras artísticas comemorativas produzidas no âmbito das celebrações oficiais do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)

Assumindo-se como uma das mais afamadas personalidades da História de Portugal, Luis Vaz de Camões [1524/1525-1579/1580] tem sido desde os finais do século XIX até à atualidade alvo de sucessivas e múltiplas celebrações comemorativas em virtude da obra poética, *Os Lusíadas*². A participação no ambicioso projeto de expansão territorial e de domínio político da Coroa portuguesa levou-o a percorrer as mais distantes paragens desde Ceuta e Moçambique, em África, até Goa e Macau, na Ásia. Com maior ou menor expressão, a figura de Camões, o «homem histórico, autor e mito» indissociável da «Bíblia da Pátria»³, é ainda hoje elemento integrante, e de certo modo agregador, do imaginário cultural de matriz europeia de muitas das comunidades oriundas daquelas regiões africanas e asiáticas.

-
- 2 Gostaríamos de manifestar o nosso agradecimento à Direção do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, por disponibilizar as coleções artísticas e fundos documentais fundamentais ao presente artigo; à Senhora D. Helena Sousa, funcionária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, pelo contínuo apoio e disponibilidade nesta e noutras pesquisas de investigação, à Senhora Dra. Maria João Batista, do Núcleo de Apoio à Assembleia Municipal de Cabeceiras de Basto, pela prestimosa colaboração na investigação direcionada nos arquivos do município. Expressamos ainda um particular agradecimento ao Senhor Dr. José Cura da Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra pela cedência das imagens da coleção filatélica dedicada às comemorações camonianas de 1969.
 - 3 Pereira, J. C. S. (2007). Notas sobre Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal. In *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina Leal de Matos*. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 520, 522.

De acordo com o testemunho do cronista oficial do Reino na Índia e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa Diogo do Couto [1542-1616], durante o período em que habitou na Ilha de Moçambique, ininterruptamente entre os anos de 1567 e de 1569⁴, Camões concluiu e/ou aperfeiçoou o texto de *Os Lusíadas*, a obra que retrata a longa aventura do povo lusitano desde Portugal até ao Extremo Oriente, e deixou roubar o manuscrito inédito, e hoje desconhecido, *O Parnaso*⁵. Contrariamente a Vasco da Gama [c.1469-1524], que subjugará a Ilha de Moçambique pela força das armas e destreza dos seus homens nos finais do século XV, Luis Vaz de Camões conquistara-a pela delicadeza da sua pena e a grandeza do seu poema épico algumas décadas depois.

Conforme ficou demonstrado na primeira parte deste estudo⁶, as comemorações oficiais do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)* realizadas ao longo de novembro de 1969 foram, como o próprio nome indica, destinadas a assinalar a última e definitiva passagem do grande Poeta português pela pequena ínsula moçambicana. As festividades restringiram-se essencialmente à então denominada província de Moçambique, no eixo das cidades de Lourenço Marques, Beira e Ilha de Moçambique⁷, contrariamente às comemorações oficiais do *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*,

4 Mariz, P. (1613). Ao estudioso da lição Poética, M. Correa (1613). *Os Lusíadas do Grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, [IV-V].

5 Couto, D. do (1786). *Da Asia: dos feitos, que os portugueses fizeram na conquista, e no descobrimento das terras, e mares do Oriente. Década Oitava*. Lisboa: Regia Officina Typographica, cap. XVIII, 233.

6 Pacheco, M. P. D. (2021). Evocações camonianas: o IV Centenário da Estada de Luis Vaz de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969). Parte I. *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 51, 157-192.

7 (1969, 22 de novembro). O Governador-Geral parte hoje para o Norte. As cerimónias de amanhã na histórica Ilha de Moçambique. *Notícias*, Lourenço Marques, 14543, 1.

iniciadas em Portugal⁸ e terminadas, conjuntamente com as de Camões, na respetiva ilha⁹.

No âmbito das comemorações do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique*, a Comissão Executiva Nacional apontada para a organização das dúplices celebrações, dependente da alçada do Ministério do Ultramar, foi consolidando logo a partir de janeiro-fevereiro de 1968 – data da constituição da comissão provisória¹⁰ – um programa centrado na organização de eventos expositivos, encontros culturais e colóquios académicos.

Complementarmente aos eventos em torno de Camões e da sua obra de poesia épica, contemplando, naturalmente, a respetiva estada pela costa oriental africana, foi promovido um conjunto de edições comemorativas e definido um plano para a ereção de um monumento evocativo. As comissões envolvidas diligenciaram assim a encomenda de obras artísticas evocativas destinadas a assinalar a estada de Camões na Ilha de Moçambique: a emissão de séries colecionáveis de filatelia e medalhística, postas a circular nos territórios das províncias ultramarinas a partir da metrópole, e a constituição de um monumento escultórico, destinado a enobrecer o espaço público insular da antiga capital moçambicana.

Com base na informação veiculada no artigo publicado no jornal moçambicano *Notícias* pelo periodista João de Sá, em 11 de maio de

8 As festividades comemorativas de Vasco da Gama foram celebradas um pouco por todo o território continental de Portugal, muito embora alcançassem maior dimensão e aparato em Lisboa, tendo participado na cerimónia de inauguração da exposição realizada na capital o Presidente da República, Américo Tomás [1894|1958-1974|1987], os ministros de Estado e da Marinha e o presidente da autarquia. (1969, 3 de novembro). [Cerimónias comemorativas do V aniversário do nascimento de Vasco da Gama]. *Notícias*, Lourenço Marques, 14524, 1.

9 (1969, 6 de novembro). [Vista aérea da Ilha de Moçambique [...] onde no corrente mês se efectuará o encerramento das comemorações centenárias do nascimento de Vasco da Gama e da estada de Camões naquelas praias de encanto]. *Notícias*, Lourenço Marques, 14527, 1.

10 (1968, março). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 513, 118-119.

1969, é provável que a data inicialmente prevista para as comemorações em torno da estada de Camões na Ilha de Moçambique possa ter sido o simbólico Dia de Camões, de Portugal e da Raça, festejado em 10 de junho: «Entre as solenidades comemorativas avulta, pelo seu significado, a erecção, na histórica ilha do Índico, de um monumento, que, no porvir, passará a congregar a atenção das gentes em torno da memória do excelso poeta luso»¹¹. O jornalista não estava devidamente informado, pois as festividades e a inauguração da estátua de Camões só ocorreram em novembro de 1969.

Embora a documentação publicada nos órgãos oficiais do aparelho estatal não mencione a data do 10 de junho, é provável, ou neste caso específico permitido supor, que os sucessivos atrasos possam de facto ter obrigado ao adiamento das festividades para novembro de 1969, ainda que a partir daquele dia de junho tenham começado a circular os selos postais e os envelopes comemorativos alusivos à efeméride camoniana¹².

No discurso proferido pelo governador-geral Baltazar Rebello de Souza [1921|1968-1970|2002], em 1 de janeiro de 1969, foi anunciada publicamente e pela primeira vez na Ilha de Moçambique a realização das celebrações em torno dos quatrocentos anos da estada de Camões na ínsula moçambicana: «este ano vamos celebrar, com júbilo e com festa esplendorosa, o 4.º Centenário da estadia nela do grande épico, do nosso maior poeta – Camões»¹³. Porém, nunca foi avançada uma data para a realização das celebrações.

11 Sá, J. de. (1969, 11 de maio). Camões em Moçambique. *Notícias*. Lourenço Marques, 14002, 11.

12 Parece corroborar a nossa posição a edição de dois envelopes comemorativos, um emitido pelo Clube Filatélico e Numismático de Moçambique e outro por uma associação desportiva de Lourenço Marques, este último ostentando já um selo postal das comemorações camonianas. *Envelope do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969*. Clube Filatélico e Numismático de Moçambique, Lourenço Marques, 1969; *Envelope do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969*. Tab. Desportiva - Lourenço Marques, 1969. Fundo Camoniano – Coleção Milton Pedro Dias Pacheco.

13 Souza, B. R. de. (1969). Dia de Paz. Visita à Ilha de Moçambique em 1-I-69. In *Um ano de governo 1968-1969: colectânea de alocações e mensagens proferidas, de improviso, por sua Excelência o Governador-Geral de Moçambique, Dr. Baltazar Rebello de Souza, recolhidas*

Independentemente de ter sido fixada uma data para os inícios de 1969, as comissões e os artistas convocados há muito que se encontravam a trabalhar na sua organização. Estes, envolvidos na conceção das diferentes peças e obras, privilegiaram sempre a temática dita tradicional camonianiana, recorrendo aos retratos mais antigos do grande Poeta português –segundo os cânones iconográficos fixados, reproduzindo a fisionomia de um rosto mutilado, a indumentária militar e o atributo apolíneo –, e à primeira edição de *Os Lusíadas* de 1572. Mas tendo em conta a dimensão histórica que revestia os eventos comemorativos associados à estada de Camões na ilha moçambicana foi necessário explorar os conteúdos históricos e as fontes iconográficas para a produção dos diversos conjuntos comemorativos, nomeadamente a coleção filatélica de selos postais.

I. A coleção filatélica de selos postais

De modo a assinalar a data comemorativa do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique*, o ministro do Ultramar, Joaquim Moreira da Silva Cunha [1920|1965-1973|2014], deliberou a emissão de um conjunto filatélico dedicado ao Poeta, tal como já se havia feito no passado¹⁴. Obtido o despacho ministerial, em 28 de maio de 1969, a Casa da Moeda procedeu à emissão de vinte milhões de selos postais a distribuir na Província de Moçambique a partir das estações centrais dos C. T. T. de Lourenço Marques e da Beira¹⁵:

de elementos constantes dos boletins do Centro de Informação e Turismo e da imprensa e rádio. Lourenço Marques: Centro de Informação e Turismo de Moçambique, 85.

- 14 No decurso das comemorações do *IV Centenário do Nascimento de Luís Vaz de Camões* foi posta a circular, em 1924, uma coleção de sete selos da autoria de Alberto de Sousa, e nas do *IV Centenário da publicação de Os Lusíadas*, em 1972, apenas três. João, M. I. (2005). Património e Memória da Nação: a Iconografia de Camões. *Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 6, 141-142; (1972, 23 de dezembro). Ministério das Comunicações – Correios e Telecomunicações de Portugal - Portaria n.º 771/72. *Diário do Governo* - I série, 297/1972, 2038.
- 15 (1969, 28 de maio). Ministério do Ultramar. Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações. Serviços de Valores Postais - Portaria n.º 24090. *Diário do Governo* - I série, 126/1969,

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Ultramar, que, nos termos do artigo 2.º do Decreto n.º 37050, de 8 de Setembro de 1948, sejam emitidos e postos em circulação, na província de Moçambique, selos postais comemorativos do 4.º centenário de Luís de Camões na ilha de Moçambique, com as dimensões de 34,5 mm x 25,4 mm, nas quantidades, taxas, motivos e cores seguintes¹⁶.

Através da série de selos comemorativos foi explorada uma narrativa biográfica de Luis Vaz de Camões associada a Moçambique e apresentada em cinco atos estampados: a figura retratada do Poeta; uma das possíveis embarcações marítimas que o transportaram até ao Oriente, nomeadamente para a Ilha de Moçambique; o território insular moçambicano representado através de um dos mais antigos mapas conhecidos; um dos poucos edifícios religiosos já existentes aquando das suas passagens pela Ilha; e, por último, *Os Lusíadas*, a obra revista e/ou concluída nessa mesma ilha segundo Diogo do Couto.

A conceção artística dos cinco selos temáticos, concebidos dentro dos modelos do naturalismo historicista¹⁷, foi confiada ao pintor, escultor e medalhista José de Moura [1915-?], o artista responsável pela composição de outras coleções de filatelia e de medalhística destinadas a circular nas províncias ultramarinas e na metrópole em edições regulares e/ou comemorativas nos anos de 1968, 1969, 1970 e 1972¹⁸.

590. O cotejo dos dados disponíveis permitem asseverar que foram impressos mais 2 000 000 de selos do que o conjunto filatélico produzido para o *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*, contabilizado em 18 000 000 de unidades. (1969, julho-agosto). Informações e Notícias. Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama; Filatelia. Selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, 529-530, 124-130, 196-197.

16 O conjunto tipológico de cinco selos postais foi litografado em papel esmalte, com desenho policrómo. Embora todos disponham da mesma dimensão, de 34,5 mm por 25,4 mm, em três dos selos a composição foi disposta na vertical e nos dois restantes na posição horizontal. (1969, 28 de maio), Serviços de Valores Postais, 590.

17 Weber, C. (2011?). As artes plásticas e a arquitetura em Portugal no Estado Novo. *Comunicar na República. 100 Anos de Inovação e Tecnologia*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 98.

18 Entre as séries regulares refira-se a que foi emitida para Cabo Verde, em 1968, e entre as comemorativas as do *V Centenário de Vasco da Gama*, do *I Centenário da Publicação da*

Tudo aponta, porém, que os selos postais começaram a circular no território da então província moçambicana a partir do dia 10 de junho de 1969, inaugurando assim as comemorações camonianas, como sugerem dois envelopes celebrativos – um deles carimbado com aquela data – impressos fora do circuito oficial das comissões.

I. I. Selo do retrato de Luis Vaz de Camões:

O primeiro selo, com o valor comercial de \$15 centavos¹⁹, apresenta a efígie de Luis Vaz de Camões (Fig. 1) reproduzida fielmente segundo o retrato iluminado oferecido por Fernão Telles de Menezes [1530-1605] ao vice-rei da Índia, D. Luiz de Athayde [c.1516|1578-1581]. A preferência deste retrato de Camões (Fig. 2) para a estampa poderá estar associada à sua proveniência oriental, considerando a muito provável execução em Goa por volta de 1581²⁰, catorze anos após o seu regresso a Portugal²¹.

Reforma Administrativa Ultramarina de Rebello da Silva, do V Centenário do Nascimento de D. Manuel I (1469-1969), em 1969, ou ainda as do V Centenário da Descoberta das Ilhas de São Tomé e do Príncipe por Pedro Escobar e João de Santarém, em 1970. José de Moura foi ainda o responsável pela concessão da medalha cunhada em 1972 por ocasião das comemorações dos quatrocentos anos da primeira impressão de Os Lusíadas. (1969, janeiro-julho). Informações e Notícias. São Tomé e Príncipe – Artes e Letras/ Filatelia. Boletim Geral do Ultramar, 535, 202-203; (1968, setembro-outubro). Informações e Notícias. Filatelia: Cabo Verde. Boletim Geral do Ultramar, 519-520, 166-167; (1969, setembro-dezembro). Informações e Notícias. Filatelia: selos comemorativos. Boletim Geral do Ultramar, 531-534, 266-270; Silva, C. B. (2015?). Vultos da nossa História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 135; Almeida, M. L. (1973) (dir.). Medalhas Comemorativas do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas». Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», 28.

- 19 De acordo com a respetiva portaria era autorizada a emissão de 3 000 000 de selos com o retrato de Camões, assente numa paleta definida previamente e constituída de azul, vermelho, amarelo-palha, verde, azul-ultramarino, castanho-ouro, preto, amarelo, magenta, rosa, cinzento-azulado e verde-claro. (1969, 28 de maio), Serviços de Valores Postais, 590.
- 20 O autor do retrato parece ter sido H. Lopes que o *pinto(u)* por volta de 1581. Coutinho, B. X. (1950, janeiro-junho). Uma revelação: o nome do autor do célebre retrato-iluminura de Camões datado de 1581. *Mvsev*, VI, 15-16, 116; Cidade, H. (1992). *Luís de Camões – O Lírico*. Lisboa: Presença, 96-97.
- 21 Rodrigues, A. A. G. (1968). *Camões e a sua vera efígie*. Lisboa: [s.n.], 19-20.

Retratado a meio corpo, Camões surge com a sua fisionomia convencional, rosto barbado, olho direito com a pálpebra cerrada – em virtude da lesão sofrida no Norte de África –, envergando armadura de cerimónia ornada com lacertídeos, gorjeira branca e coroa de louro. Em baixo, a ladear o Poeta surgem dois canídeos, dispostos sobre duas palmas a envolver um escudo espartilhado, junto do qual surge um livro aberto com a inscrição «AS LUSÍADAS 1581», sendo a data alusiva à possível execução do retrato.



Figura 1: Selo de \$15 centavos com o retrato de Luis Vaz de Camões
José de Moura (desenho) - Casa da Moeda (litografia)
1969

Papel esmalte

Dimensões: 34,5 mm Alt. X 25,4 mm Larg.

Texto inscrito: REPÚBLICA PORTUGUESA/ IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969/ As Lusíadas 1581/ \$15/ CORREIOS – MOÇAMBIQUE/ CASA DA MOEDA

Proveniência: Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra | Registo fotográfico: José Cura – 2022, março



Figura 2: Retrato de Luis Vaz de Camões

H. Lopes (atrib.)
1581 (?)
Iluminura

Texto inscrito: OV RETRATO DE LVIZ DE CAMOES OFRESIDO O U REY D. LVIZ DE ATHAYDE POR FERNAO TELLES DE MENEZES

Proveniência: Coutinho, B. X. (1946). *Camões e as Artes Plásticas. Subsídios para a iconografia camoneana*. Porto: Livraria Figueirinhas, vol. I, fig. 2.^a, 8-10.

Todo o quadro, concebido sobre fundo azul, é profusamente ornado com uma composição de fauna e flora maioritariamente exóticas, e do qual foram excluídos os seis pequenos fólios esvoaçantes contendo os respetivos textos – «Dev notas Lvsyo da Asseensão marvjo», «Dev notas Joze Penqvynho», «Dev notas Henrique Mascarenhas», «Dev notas Francisco Mascarenhas», «A firma ter Parsencas todos» e «Goa 1581 Pinto»²² – em virtude da impossibilidade de os textos serem legíveis no selo.

22 Coutinho, B. X. (1946). *Camões e as Artes Plásticas: subsídios para a iconografia camoneana*. Porto: Livraria Figueirinhas, I, 9-18; Rodrigues, A. A. G., *Camões e a sua vera efigie*, 19-20.

I. II. Selo da nau portuguesa

Com a taxa de \$50 centavos²³, o segundo selo apresenta como elemento ornamental a nau portuguesa São Bento (Fig. 3). Segundo a *Memoria das Armadas qve de Portvgal pasaram ha Índia e esta primeira e ha como qve Vasco da Gama partio ao descobrimento de la por mamdado de ElRei Dom Manvel no segvndo anno de sev reinado e no do nascimento de Xpõ de 1497* – obra usualmente designada de *Livro das Armadas* –, a nau São Bento (Fig. 4) foi capitaneada por Fernão d'Álvares Cabral da Cunha [1514-1571] «No Anno de 553 [...] Pera a India» e que «a tornada pera portugal se perdeo, na terra do natal»²⁴. Tudo aponta para que a escolha do modelo desta embarcação quinhentista esteja diretamente relacionada com os dados documentais associados à partida de Camões para a Índia na expedição liderada por Cabral da Cunha em março de 1553²⁵.

23 Do selo dedicado à nau quinhentista foram emitidos 5 000 000 exemplares, com as cores base de azul, verde, vermelho, preto, castanho, sépia, azul-ultramarino e violeta. (1969, 28 de maio), Serviços de Valores Postais, 590.

24 Albuquerque, L. (1979). *Memoria das Armadas qve de Portvgal pasaram ha Índia e esta primeira e ha como qve Vasco da Gama partio ao descobrimento de la por mamdado de ElRei Dom Manvel no segvndo anno de sev reinado e no do nascimento de Xpõ de 1497*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. Ed. fac-similada comemorativa do 2º centenário da Fundação da Academia das Ciências no Segundo Centenário da sua fundação, 5, 24/ fac-simile 65/38.

25 Matos, M. V. L. de. (2011). Biografia de Luís de Camões. In Silva, V. A. e (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Editorial Caminho, 83-85.

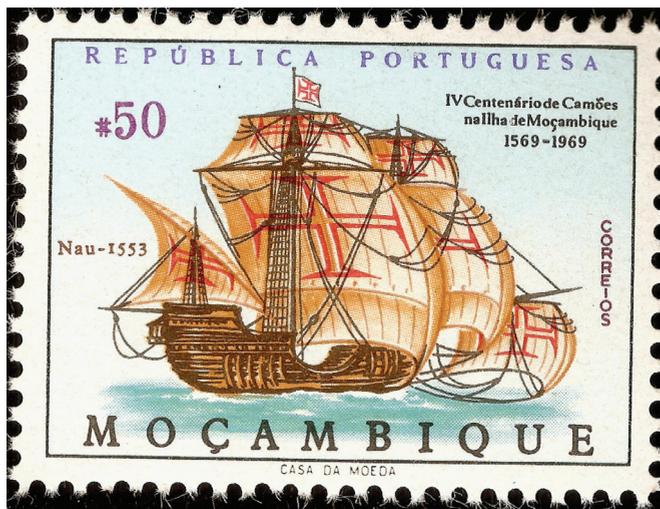


Figura 3: Selo de \$50 centavos com a representação da nau São Bento

José de Moura (desenho) - Casa da Moeda (litografia)

1969

Papel esmalte

Dimensões: 25,4 mm Alt. X 34,5 mm Larg.

Texto inscrito: REPÚBLICA PORTUGUESA/ IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969/ \$50/ Nau – 1553/ CORREIOS – MOÇAMBIQUE/ CASA DA MOEDA

Proveniência: Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra | Registo fotográfico: José Cura – 2022, março



Figura 4: Detalhe da nau «S. Bento | Fernão dalvz cabral da cunha | a tornada pera portugal se perdeo, na terra do natal»

Proveniência: Albuquerque, L. (1979). *Memoria das Armadas qve de Portvgal pasaram ha Índia e esta primeira e ha como qve Vasco da Gama partio ao descobrimento de la por mamdado de ElRei Dom Manvel no segvndo anno de sev reinado e no do nacimiento de Xpõ de 1497*. Lisboa: Edição da Academia das Ciências de Lisboa no Segundo Centenário da sua fundação, fac-simile 65/38. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

O desenho reproduzido mostra uma nau composta de casco de madeira dotado de quatro aparelhos vélicos suportados por mastros e por um intrincado jogo de enxárcias, escotas e outros cabos. As velas mostram no seu interior o único elemento simbólico e histórico presente na composição: a vermelha cruz da Ordem Militar de Cristo²⁶.

I. III. Selo do mapa da Ilha de Moçambique

Na terceira estampilha (Fig. 5), dotada da taxa de 1\$50²⁷, a ilustração evoca uma das mais antigas representações cartográficas da

²⁶ O modelo da nau revela muitíssimas similaridades com o da nau Loreto, igualmente incluída na rota portuguesa oriental, que foi representada no flanco frontal com os elementos constituintes comuns a tantas outras embarcações reproduzida no *Livro das Armadas*. Albuquerque, L. (1979). *Memoria das Armadas*, fac-simile 65/38.

²⁷ O selo dedicado à representação da Ilha de Moçambique teve uma emissão de 6 000 000, o maior número de toda esta coleção de 1969. As cores selecionadas para

Ilha de Moçambique (Fig. 6), a *Insulae et arcis Mocambique descriptio ad fines Melinde sitae ebano puriβ. auro et ambare odorato affluentis hinc magnus seruorum numerus in Indiam abducitur, Linschoten inuent*, de 1599²⁸, gravura colorida reproduzida diretamente da peça do *Itinerario, Voyage ofte Schipvaert* do navegador holandês Jan Huygen van Linschoten [1563-1611] datada de 1596²⁹.

Ligeiramente alterada face ao desenho original, a composição mostra o mais importante entreposto português da Carreira das Índias estabelecido na costa oriental africana³⁰, onde Camões desembarcou uma primeira vez, chegado de Lisboa, em 1553, e depois uma segunda, desta vez vindo de Goa, em 1567, e onde estanciou até 1569³¹. Pese embora as várias imprecisões cartográficas, o desenho (Fig. 5) mostra a Ilha de Moçambique enquadrada naquela região africana, pontuada já com algumas das construções mais antigas erguidas pelos portugueses – entre as quais se destaca o primitivo baluarte e a pequena capela anexa –, e a baía/enseada onde as navegações portuguesas ancoravam. Há ainda a assinalar que as ilhas de São Jorge e de São Tiago – as atuais Ilhas de Sena e de Goa – (Fig. 6), as elevações do território continental e algumas pequenas embarcações foram suprimidas da estampa, mantendo-se, no entanto, praticamente todos os restantes elementos.

-
- a sua composição foram o amarelo, preto, verde, vermelho, castanho, azul-ultramarino, ouro e verde-mineral. (1969, 28 de maio), Serviços de Valores Postais, 590.
- 28 (1599). *Insulae et arcis Mocambique descriptio ad fines Melinde sitae ebano puriβ. auro et ambare odorato affluentis hinc magnus seruorum numerus in Indiam abducitur, Linschoten inuent*. Hagae-Comitis: ex officina A. Henrici, impensis authoris et C. Nicolai, prostantque apud Aegidium Elsevirum.
- 29 Linschoten, J. H. (1596). *Itinerario, Voyage ofte Schipvaert/ van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien*. Amesterdão: por Cornelis Claesz op't Vvater, grav. 1, 6-7.
- 30 Correa, M. (1613). *Os Lvsias do Grande Lvis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 25.
- 31 Cruz, M. A. L. (2011). Camões e Diogo do Couto. In *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Editorial Caminho, 135.

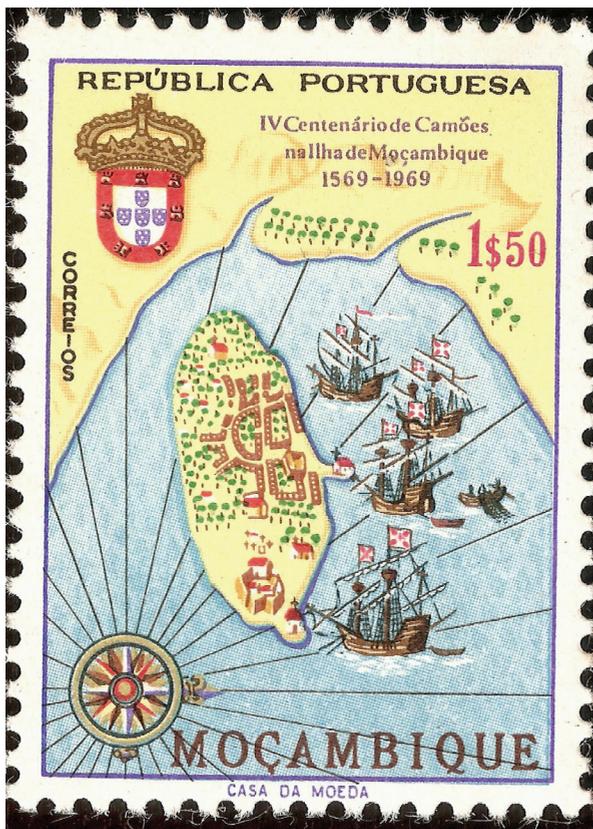


Figura 5: Mapa da Ilha de Moçambique no selo de 1\$50

José de Moura (desenho) - Casa da Moeda (litografia)
1969

Papel esmalte

Dimensões: 34,5 mm Alt. X 25,4 mm Larg.

Texto inscrito: REPÚBLICA PORTUGUESA/ IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969/ 1\$50/ CORREIOS – MOÇAMBIQUE/ CASA DA MOEDA

Proveniência: Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra | Registo fotográfico: José Cura 2022, março

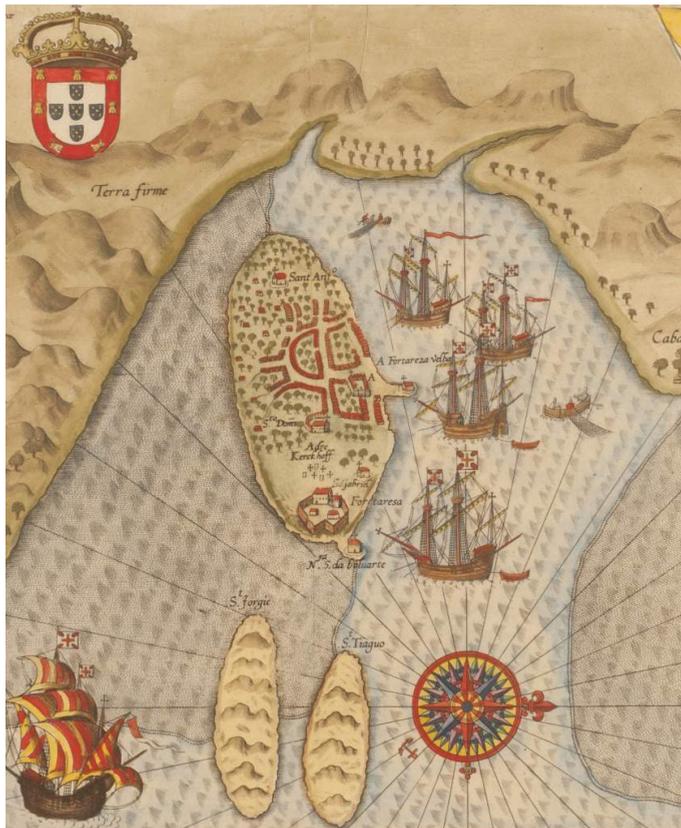


Figura 6: Ilhas de Moçambique, São Jorge e São Tiago e território continental (detalhe)

Joannes a Doetecomius Junior fecit
1599
Gravura colorida

Proveniência: (1599). Insulae et arcis Mocambique descriptio ad fines Melinde sitae ebano puriβ. auro et ambare odorato affluentis hinc magnus seruorum numerus in Indiam abducitur, Linschoten inuent. Hagae-Comitis: ex officina A. Henrici, impensis authoris et C. Nicolai, prostantque apud Aegidium Elsevirum.

I. IV. Selo da Capela de Nossa Senhora do Baluarte

O selo de 2\$50, o quarto da série comemorativa camoniana de 1969³² (Fig. 7), ilustra o mais antigo edifício de matriz religiosa construído pelos portugueses no atual território moçambicano, a Capela de Nossa Senhora do Baluarte (Fig. 8). Este é um dos poucos edifícios já construídos na Ilha de Moçambique aquando da sua passagem em 1553 e da estada de 1567-1569. Edificada em 1522, a pequena capela está localizada «numa ponta da Ilha de Moçambique, ao bordo da água, e também da fortaleza de Moçambique»³³, sobre parte do perímetro da primeira estrutura defensiva, junto da qual se construiu mais tarde, já no século XVII, a imponente Fortaleza de São Sebastião.

A Capela de Nossa Senhora do Baluarte, célebre por albergar a sepultura do primeiro prelado episcopal do Japão e de se apresentar como um dos mais antigos exemplares de arquitetura dita manuelina no Oriente português, foi um dos primeiros edifícios da Ilha de Moçambique a ser classificado em virtude da antiguidade histórica e relevância arquitetónica na província moçambicana³⁴.

32 Com uma emissão de 3 000 000 de selos, a estampilha dedicada à Capela de Nossa Senhora do Baluarte teve como cores base o preto, violeta, azul-de-cromo, amarelo-palha, rosa, azul ultramarino, magenta, castanho e cinzento-esverdeado. (1969, 28 de maio), Serviços de Valores Postais, 590.

33 Rodrigues, V. (c.1577). Primeiro Roteiro da Carreira da Índia. In Costa, A. F. (1940), *Roteiros portugueses inéditos da Carreira da Índia do século XVI*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 106.

34 A Capela de Nossa Senhora do Baluarte foi classificada como monumento histórico pela portaria provincial n.º 5093 em 3 de abril de 1943, integrando o complexo da Fortaleza de São Sebastião. (1955, 3 de maio). Ministério do Ultramar. Direcção-Geral de Administração Política e Civil - Portaria n.º 15366. *Diário do Governo - I série*, 96/1955, 353-354.

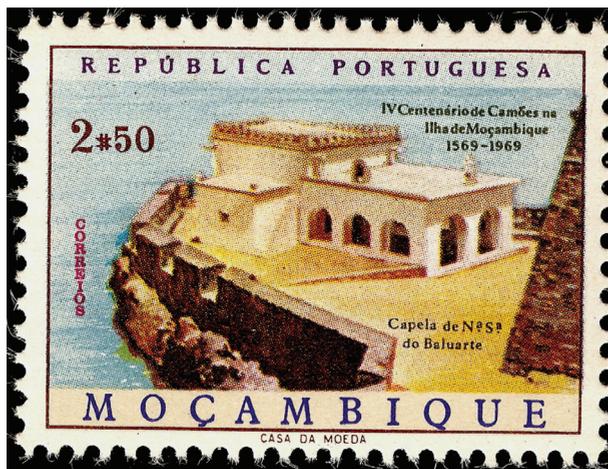


Figura 7: Capela de Nossa Senhora do Baluarte no selo de 2\$50

José de Moura (desenho) - Casa da Moeda (litografia)
1969

Papel esmalte

Dimensões: 25,4 mm Alt. X 34,5 mm Larg.

Texto inscrito: REPÚBLICA PORTUGUESA/ IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique. 1569/ 1969/ 2\$50/ Capela de N.ª S.ª do Baluarte/ CORREIOS – MOÇAMBIQUE/ CASA DA MOEDA

Proveniência: Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra | Registo fotográfico: José Cura 2022, março



Figura 8: Capela de Nossa Senhora do Baluarte na Ilha de Moçambique

Registo fotográfico: Milton Pacheco | 2011, agosto

I. V. Selo da portada da primeira edição de *Os Lusíadas* com a estrofe LIV do canto I alusiva à Ilha de Moçambique

O quinto e último selo da série filatélica foi dedicado à obra magna de Luis Vaz de Camões, *Os Lusíadas*³⁵ (Fig. 9). Conforme ficou relatado, Diogo do Couto veio a encontrar o Poeta na Ilha de Moçambique num estado de quase indigência³⁶. Ainda assim, apesar das difíceis condições de habitabilidade na ilha durante os anos de 1567 a 1569, o vate durante

aquelle inverno que esteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as suas *Lusíadas* pera as imprimir, e foi escrevendo em hum livro, que hia fazendo, que intitulava *Parnaso de Luiz de Camões*, livro de muita erudição, doutrina e filosofia, o qual lhe furtáram, e nunca pude saber no Reyno delle³⁷.

Voltaria ao Reino, cerca de dezassete anos depois, somente com a sua obra magna³⁸. Para a ilustração do selo de maior valor comercial foi escolhida a estância LIV do canto I de *Os Lusíadas* alusiva à estada do Poeta na Ilha de Moçambique (Fig. 9), inserida no interior da portada da primeira edição saída dos prelos lisboetas de Antonio Góçalvez em 1572³⁹ (Fig. 10), tal como fora reproduzida já na coleção filatélica impressa em 1924⁴⁰.

35 O último selo, ornado com a moldurada da portada da primeira edição da obra magna de Camões, teve uma emissão de 3 000 000. As cores selecionadas para a sua execução foram o azul-ultramarino, laranja, preto, verde, magenta, castanho e azul-eléctrico. (1969, 28 de maio), Serviços de Valores Postais, 590.

36 Matos, M. V. L. de, *Biografia de Luís de Camões*, 90; Castro, A. P. de (2007). *Páginas de um Honesto Estudo Camoniano*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 15.

37 Couto, D. do, *Da Asia*, cap. XVIII, 233.

38 Castro, A. P. de, *Páginas de um Honesto Estudo Camoniano*, 18, 109; Cidade, H., *Luís de Camões*, 66.

39 Camões, L. V. de. (1572). *Os Lusíadas*. Lisboa: em casa de Antonio Góçalvez.

40 A portada de *Os Lusíadas* fora já utilizada num dos selos emitidos no *IV Centenário do Nascimento de Luís Vaz de Camões* de 1924; João, M. I., *Património e Memória da Nação: a Iconografia de Camões*, 141-142.



Figura 9: Portada de *Os Lusíadas* no selo de 5\$00

José de Moura (desenho) - Casa da Moeda (litografia)
1969

Papel esmalte

Dimensões: 34,5 mm Alt. X 25,4 mm Larg.

Texto inscrito: REPÚBLICA PORTUGUESA/ IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969/ 5\$00/

"Lusíadas"

Esta Ilha pequena que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala:
E, por ser necessária, procuramos
Como próprios da terra de habitá-la.
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

CANTO I ESTÂNCIA LIV

CORREIOS – MOÇAMBIQUE/ CASA DA MOEDA

Proveniência: Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra | Registo fotográfico: José Cura | 2022, março

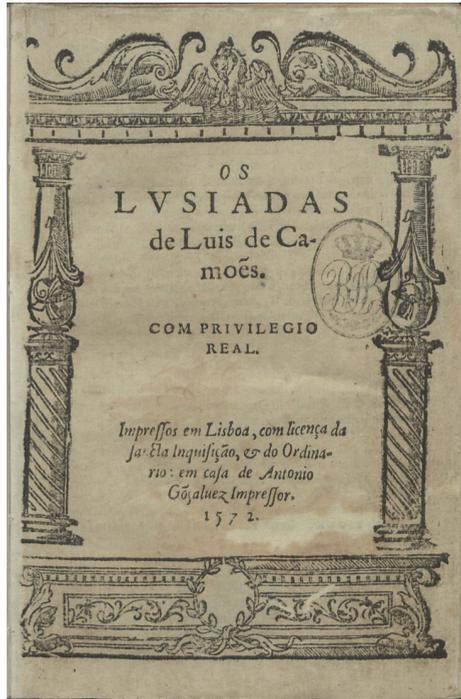


Figura 10: Portada da obra magna de Luis Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, Em casa de Antonio Gõçalvez, 1572.

Compositor anónimo da oficina de António Gonçalvez
1572
Gravura

Proveniência: Camões, L. V. de (1572). *Os Lusíadas*. Lisboa: Em casa de Antonio Gõçalvez, cant. I, est. LIV, 10.

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP: cam-3-p).

I. VI. Envelopes postais comemorativos

A par do conjunto filatélico foram ainda postos em circulação na província moçambicana dois envelopes comemorativos alusivos à efeméride camoniana de 1969, um emitido pelo Clube Filatélico e Numismático de Moçambique⁴¹ e outro por uma associação desportiva ambos sedeados em Lourenço Marques. Contudo, ao que tudo

41 Presidia à direção do Clube Filatélico e Numismático Júlio de Almeida Santos. (1969). *Anuário da Província de Moçambique*. Lourenço Marques, 49, 305.

indica, foram emitidos fora do programa e do circuito oficiais estatais das comemorações em curso.

Igualmente ilustrado com a portada da primeira edição de *Os Lusíadas* de 1572, contendo no interior a repetida estância LIV do canto I, disposta no lado esquerdo, o envelope comemorativo do Clube Filatélico e Numismático de Moçambique (Fig. 11) ostenta sobre o desenho a designação do evento celebrativo do «IV CENTENÁRIO DA ESTADIA DE LUÍS DE CAMÕES NA ILHA DE MOÇAMBIQUE 1569-1969», seguido da informação alusiva ao primeiro dia de circulação previsto para o dia 10 de junho de 1969⁴². O Clube Filatélico e Numismático de Moçambique, identificado em baixo, estabeleceu uma parceria com os C.T.T. de Lourenço Marques (Fig. 11), de modo a permitir a circulação do envelope no dia de Camões, conforme atesta o próprio carimbo composto pelo desenho da nau São Bento⁴³ (Fig. 4).



Figura 11: Envelope comemorativo do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique* editado pelo Clube Filatélico e Numismático de Moçambique Oficina moçambicana (?) | 1969 (maio-junho?) | Envelope impresso

Proveniência: Fundo Camoniano – Coleção Milton Pedro Dias Pacheco

42 *Envelope do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 1569-1969.* Clube Filatélico e Numismático de Moçambique - Lourenço Marques, 1969. Fundo Camoniano – Coleção Milton Pedro Dias Pacheco.

43 *Envelope do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 1569-1969.*

Patrocinado pela Tab. Desportiva de Lourenço Marques⁴⁴, o segundo envelope foi ilustrado com a efígie do Poeta, seguindo os modelos iconográficos de fisionomia e indumentária tradicionais, mas com a introdução de um elemento novo, a mão esquerda a apoiar o maxilar. A colorida composição ilustrada, ornada de elementos geometrizarantes e vegetalistas, contem em baixo, no interior de uma cartela, o título «Os Lusíadas». Em cima foi inscrita a informação alusiva à comemoração: «IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique/ 1569-1969/ PRIMEIRO DIA DE CIRCULAÇÃO», e em baixo a da entidade promotora «N.º 19 Edição da TAB. DESPORTIVA – L. MARQUES»⁴⁵.

II. A medalha comemorativa

Obtidas as autorizações do Ministério do Ultramar, a Comissão Executiva Nacional das Comemorações avançou, entre os finais de 1968 e os inícios de 1969⁴⁶, com a encomenda da primeira da peça comemorativa do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique*, a medalha dedicada ao Poeta lusitano e à sua obra *Os Lusíadas* (Figs. 12-13).

A medalha comemorativa camoniana, com 80 mm de diâmetro e 250 g de peso, foi executada em bronze, numa produção alargada,

44 Tratar-se-ia do Grupo Desportivo de Lourenço Marques presidido naquele ano pelo engenheiro Camilo Manuel Silveira da Costa? (1969). *Anuário da Província de Moçambique*. 1969. Lourenço Marques, 49, 306.

45 O carimbo que atesta o primeiro dia de circulação, com a data de 10 de junho de 1969, reproduz a matriz da portada de *Os Lusíadas* de 1572. *Envelope do IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique*. 1569-1969. Tab. Desportiva, Lourenço Marques, 1969. Fundo Camoniano – Coleção Milton Pedro Dias Pacheco.

46 Com base na informação dada em fevereiro de 1969, tudo aponta para que o processo para a sua execução tenha sido desencadeado meses antes, provavelmente no último trimestre de 1968. (1969, janeiro-fevereiro). Objectiva do Ultramar. Medalha comemorativa do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, *Informações e Notícias*. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 120, 168.

e em prata, numa edição limitada⁴⁷. Tendo por base o desenho do escultor António Duarte⁴⁸ [1912-1998], Joaquim Martins Correia [1910-1999], um dos escultores mais requisitados pelo Estado Novo⁴⁹, com obra produzida na metrópole⁵⁰ e nas colónias⁵¹, nomeadamente na produção de medalhas comemorativas similares, concebeu o molde para cunhar o arquétipo medalhístico⁵².

47 Silva, C. B., *Vultos da nossa História*, 24-25; Coutinho, B. X. (1974). *A medalhística camoniana do século XVIII aos nossos dias*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas», 72-73.

48 O prolífico escultor-retratista António Duarte, com ampla obra produzida na metrópole e colónias, foi o responsável pelo desenho da medalha comemorativa do *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama* de 1969. No final da vida viria ainda a conceber um busto de Camões. Nunes, P. S. (2005), Duarte, António, Pereira, J. F. (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 208; (1969, junho). *Informações e Notícias*. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 528, 165-167.

49 Correia Martins foi premiado pelo Secretariado da Propaganda Nacional, em 1943, e pelo Secretariado Nacional de Informação, em 1947. França, J.-A. (1991). *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*. Lisboa: Bertrand Editores, 278; Portela, A. (1982). *Salazarismo e artes plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 94, 149, 151.

50 Martins Correia e António Duarte, artistas da mesma geração, foram dois dos escultores requisitados para a *Exposição do Mundo Português* realizada em 1940 e para os ciclos de exposições artísticas organizadas em Lisboa nas décadas de 1940 e 1950. Santos, R. A. (1997). *O design e a decoração em Portugal, 1900-1994*, Pereira, P. (dir.), *História da Arte Portuguesa* (437-505). [Lisboa]: Círculo de Leitores, 464, 487; Silva, C. B., *Vultos da nossa História*, 134-135; Portela, A., *Salazarismo e artes plásticas*, 94; Matos, L. A. (2003). *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 272-273, 357.

51 Martins Correia foi o autor das estátuas de Diogo Gomes, erguida na Praça da Alfândega na cidade da Praia, em Cabo Verde, e de Luis Vaz de Camões, inaugurada na cidade de Goa, Índia. Milheiro, A. V. (2013). *Cabo Verde e Guiné-Bissau: itinerários pela Arquitectura Moderna Luso-Africana (1944-1974)*. *Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau: Percursos do Saber e da Ciência*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, [9]; João, M. I., *Património e Memória da Nação: a Iconografia de Camões*, 146; Garcia, J. L. L. (2011). *Ideologia e propaganda colonial no Estado Novo: da Agência Geral das Colónias à Agência Geral do Ultramar: 1924-1974*. Coimbra: Tese de Doutoramento em História, especialidade em História Contemporânea, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 164.

52 (1969, janeiro-fevereiro). *Objectiva do Ultramar*. Medalha comemorativa do IV Centenário, 120.

O lado anverso da medalha mostra a efígie convencional do homenageado ocupando as seções central e direita da superfície do disco (Fig. 12). Camões foi representado de rosto barbado, com o olho esquerdo aberto e o direito fechado, em virtude do ferimento sofrido. O lábio inferior é ligeiramente mais protuberante em relação ao superior e o nariz é adunco, algo alongado, nitidamente diferente do que surge no retrato de Camões executado pelo artista espanhol Hernán Gomez [c.1548-1612] na década de 1570⁵³.

A figura surge com dois adereços utilitários amplamente divulgados nos modelos iconográficos camonianos, um de matriz histórica, a gorjeira, a larga gola de tecido enrodilhado, inspirada no suposto retrato quinhentista, e um de matriz simbólica, o laurel, a tradicional coroa de louros concedida aos poetas maiores, com um ramo ligeiramente pendido à esquerda numa clara falha de composição⁵⁴ (Fig. 12). No campo esquerdo surge representado, com formas bastantes estilizadas, o antigo brasão de armas da cidade de Moçambique, localizada na Ilha homónima, em cima um dos quatro escudetes carregados de cinco besantes dispostos em cruz de Santo André e em baixo duas das três torres que compunham o castelo/fortaleza, com respetivo vão de passagem.

53 Markl, D. L. (1973). *Fernão Gomes um pintor do tempo de Camões: a pintura maneirista em Portugal*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de os «Os Lusíadas», 39-43.

54 Apesar das nítidas diferenças, a composição do rosto e a disposição do laurel seguem um mesmo desenho esquemático da medalha (de menor dimensão) concebida por Martins Correia, peça que por ora não foi possível localizar, mas que está reproduzida em Almeida, M. L. (dir.) & Martins, J. V. P. (introd.) (1972). *Os Lusíadas 1572-1972: Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalhística de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [grav. 9], 471 e em Coutinho, B. X., *A medalhística camoniana do século XVIII aos nossos dias*, 65-66.

O arquétipo escolhido para a modelagem do desenho da medalha aparenta ter sido a figura gravada por A. Paulus⁵⁵ (Fig. 14) para a ilustração da obra de Manuel Severim de Faria [c.1583-1655], *Discursos varios politicos*, saída dos prelos eborenses de Manoel Carvalho em 1624⁵⁶, uma das matrizes mais utilizadas na reprodução da figura do Poeta⁵⁷ logo a partir da primeira metade do século XVII⁵⁸ e que se perpetuaria até ao século XIX⁵⁹ (Fig. 15).

A composição figurativa é delimitada por uma simples orla moldurada na qual foi inserida, em letras capitais, a inscrição alusiva ao evento comemorativo: «IV · CENTENÁRIO · DA · ESTADA · Đ · CAMÕES · NA · ILHA · Đ · MOÇAMBIQVE · MDLXIX–MCMLXIX» (Fig. 12). No reverso da medalha, justaposta sobre uma estilizada cruz da Ordem de Cristo, foi disposta a cartela geometrizar contendo a estância LIV do canto I de *Os Lusíadas* alusivo à estada de Camões na Ilha de Moçambique⁶⁰ (Fig. 13), igualmente reproduzida no selo de 5\$00 (Fig. 9) e no envelope comemorativo (Fig. 11):

55 Conforme asseverou Xavier Coutinho [1909-1987] não é possível averiguar qual o artista responsável pela abertura da gravura, se Antonius Paulus [?-1630], ativo em Roma, ou se Andreas Paulus, com oficina em Antuérpia. Coutinho, B. X. (1946). *Camões e as Artes Plásticas*, I, 23-29; Rodrigues, A. A. G., *Camões e a sua vera efigie*, 9.

56 Faria, M. S. de. (1624). *Discursos varios politicos*. Évora: por Manoel de Carvalho, impressor da Universidade.

57 Soares, E. (1971). *História da Gravura Artística em Portugal*. Lisboa: Livraria Sarmcarlos, II, 413.

58 A título de exemplo, das cinquenta gravuras compiladas e estudadas por Maria da Graça Silva Garcia, em 1983, somente em dezassete Camões não surge representado com armadura, gorjeira e laurel (gravuras 11, 14, 18, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 35, 36, 37, 41, 44, 47, 48, 50). A mesma autora não só assevera que a gravura seiscentista foi aberta por Andries Pauli ou Pauwels [1600-1639], o velho, como sugere a atribuição do desenho primário a Gaspar Severim de Faria, sobrinho de Manuel Severim de Faria. Garcia, M. G. S. (1983). *Luís de Camões: álbum de estampas*. Lisboa: Banco de Portugal, estampas 1-50, 11-12.

59 Coutinho, B. X. (1946). *Camões e as Artes Plásticas*, I, 209, 212-214.

60 Camões, L. V. de (1572). *Os Lusíadas*, cant. I, est. LIV, 10.



Figuras 12-13: Anverso e reverso da medalha brônzea comemorativa do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique
Joaquim Martins Correia/ António Duarte | 1968-1969 | Medalha

Proveniência: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra | Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – registo fotográfico de Milton Pacheco | 2022, janeiro



Figura 14: Retrato de Luis Vaz de Camões

A. Paulus
Cerca de 1624 (1622?)
Gravura

Proveniência: Faria, M. S. (1624). *Discursos Varios Politicos*. Évora: Por Manoel Carvalho, Impressor da Universidade de Évora [entre fólhos 87 e 88].
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC: VT 6-6-15)



Figura 15: Retrato de Luis Vaz de Camões

François Gérard (pintor) F. Lignen (escultor)
Cerca de 1817
Gravura

Proveniência: Luis de Camões (1817), Os Lusíadas, poema epico de Luis de Camões (edição de D. Joze Maria de Souza-Botelho, morgado de Mateus). Paris: Officina Typographica de Firmin Didot, impressor do Rei e do Instituto. Biblioteca Nacional de Portugal (BNP: cam-19-a_0010)

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala.
E por ser necessaria, procuramos,
Como propios da terra, de habitala.
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

Na seção superior da orla foi inscrito o texto, também em letras capitais, da entidade ministerial promotora da peça brônzea, o «MINISTÉRIO · DO · ULTRAMAR», seguindo-se o da «PROVÍNCIA · DE · MOÇAMBIQUE», onde as celebrações tiveram lugar naquele ano de 1969. Acompanhando a curvatura exterior da orla surge, na seção inferior direita, também em letras capitais mas de menor dimensão, o nome do artista fundidor «MARTINS CORREIA» (Fig. 13).

III. A estátua de *Luis Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*

É na atual *Cidade de Pedra* da Ilha de Moçambique que vamos encontrar os principais marcos camonianos existentes naquele território africano: a estátua de *Luis Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*, inaugurada no decurso das comemorações de 1969; a denominada *Casa da Camões*, um edifício claramente posterior ao século XVI, simbólica mas erroneamente associado à estada no Poeta na Ilha; e ainda um retrato do mesmo Poeta depositado no museu instalado no antigo Palácio do Governador⁶¹.

Continuamente evocada por um reputado escol de camonistas, mas ignorada pelos historiadores da arte, a obra escultórica dedicada a *Luis Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique* integra o lote das primeiras encomendas artísticas para as festividades comemorativas do *IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique* começadas a preparar no primeiro trimestre de 1968⁶².

61 Localizámos o retrato de Camões no antigo Palácio dos Governadores, no corredor do flanco nascente orientado para o interior do pátio principal, em agosto de 2011. Contudo, a documentação oficial e os órgãos noticiosos não mencionam a oferta e/ou a encomenda de nenhum retrato de Camões entre os anos de 1969 e de 1972, por ocasião dos quatrocentos anos da estada da Camões na Ilha e da primeira impressão de *Os Lusíadas* respetivamente. Aguardamos pela oportunidade para avançar com os trabalhos de investigação em torno desta pintura.

62 (1968, março). Informações e Notícias. *IV Centenário da Estada de Luís de Camões*, 118-119.

De acordo com o pensamento nacionalista e a posição política do jornalista João de Sá, mais do que a liquidação de uma dívida antiga, as comemorações camonianas de 1969 deveriam ser «uma tomada de consciência de todos os portugueses das regiões orientais» de modo a «se encontrarem com a obra do Poeta e meditem nas generosas virtudes do Homem, no seu espírito de sacrifício à doação total e sem mácula ao seu concebimento de pátria»⁶³. Sá chegou mesmo a afirmar que Moçambique foi distintamente agraciado pela declamação das estrofes do poema épico primeiro do que Portugal⁶⁴, tendo em conta que foi na Ilha que a obra foi revista e/ou terminada. É essa mesma carga histórica-simbólica que foi conferida à estátua do Poeta a declamar a estância LIV do canto I de *Os Lusíadas*.

No âmbito do «programa iconográfico de celebração da presença colonial por meio da colocação de arte pública e estatuária em pontos fulcrais» pelo Estado Novo⁶⁵, as comissões oficiais propuseram a encomenda de uma estátua evocativa de Camões destinada a enobrecer um espaço urbano que veio a adquirir a toponímia do próprio Poeta.

A encomenda da obra escultórica acabou por ser incorporada no ambicioso plano de requalificação urbanística, beneficiação arquitetónica e musealização artística da Ilha de Moçambique implementado no segundo lustro da década de 1960 por Pedro Quirino da Fonseca⁶⁶,

63 Sá, J. de, Camões em Moçambique, 11.

64 Sá, J. de, Camões em Moçambique, 12.

65 Milheiro, A. V. (2012, julho-dezembro). O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 4, 2, 221.

66 As campanhas de obras na Ilha de Moçambique, iniciadas durante o governo-geral de Manuel Maria Sarmiento Rodrigues [1899|1961-1964|1979] – mais tarde o ministro responsável pelo alargamento da área de proteção patrimonial da Ilha de Moçambique – e concluídas no de Baltazar Rebello de Souza, foram aceleradas a partir de 1969 de modo a fazer coincidir a inauguração de alguns estabelecimentos museológicos e monumentos históricos recuperados com as festividades duplo-comemorativas. Apesar do empenho assumido por Sarmiento Rodrigues, o governador-geral Baltazar Rebello de Souza teve um papel fundamental no avanço do projeto em curso conforme ficou expresso: «[...] cremos firmemente que o impulso dado à Comissão dos Monumentos Nacionais pelo Governador-Geral

o arquiteto formado na Escola de Belas Artes de Lisboa que assumiu a direção da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique a partir de 1962⁶⁷.

Entretanto, em meados de julho de 1968, chegava a comitiva enviada com o propósito de avançar com o estudo prévio do local de implantação da estátua comemorativa, liderada pelo diretor-geral de Educação do Ultramar, Justino Mendes de Almeida [1924-2012], apoiada no terreno pelo secretário provincial da Educação de Moçambique, Francisco Maria Martins⁶⁸. Na comitiva parece ter seguido ainda Mário Gonçalves de Oliveira [1914-2013], arquiteto da Direção de Serviços de Urbanismo e Habitação da Direção Geral das Obras

-
- Dr. Baltazar Rebello de Souza, para actuar na arqueologia histórica, preservar o urbanismo tradicional das velhas povoações, restaurar monumentos, reintegrar conjuntos, fundar museus, adquirir espécies, e ao mesmo tempo estimular a produção artística contemporânea, estimando tanto o passado como o presente, é uma perspectiva nova no progresso cultural da Província». (1966). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1965. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, Lourenço Marques, 2, 69; (1967). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1966. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, Lourenço Marques, 3, 77; (1968). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1967. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 4, 71-72; (1969, janeiro-fevereiro). Informações e Notícias. Administração. Moçambique: Governador-Geral. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 198-199; Lobato, A. (1970). Conservar e modernizar, na Ilha de Moçambique. *Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 10; (1973). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1972. *Monumenta: boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 9, 73; (1968). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1967. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 4, 71-72; Knopfli, R. (1989). *A Ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique*. Lisboa: Edições 70, 133; [Fonseca, P. Q. da.] (1970). Homenagem ao Dr. Baltazar Rebello de SOUZA. *Monumenta: boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 5-6.
- 67 Mariz, V. F. (2013). A musealização de monumentos e o restauro arquitectónico em Moçambique. *Actas do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*. Lisboa: International Council of Museums, 240.
- 68 Embora as fontes sejam omissas, é muito provável que tenham sido acompanhados por Quirino da Fonseca e Marques Lobato [1915-1985]. (1968, julho-agosto), Informações e Notícias. Ensino, Investigação e Cultura: Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 272-273.

Públicas e Comunicações, com sede em Lisboa⁶⁹, onde desempenhou funções entre 1947 e 1974⁷⁰.

Tanto quanto é possível apurar, a comitiva liderada por Mendes de Almeida permaneceu na Ilha entre 8 e 30 de julho de 1968, período durante o qual «tratou especialmente da localização do monumento comemorativo camoniano»⁷¹. Segundo o *Boletim Geral do Ultramar*, o arquiteto Mário de Oliveira teve um papel fundamental na conceção do equipamento urbano destinado à instalação da estátua camoniana: «na ilha de Moçambique será colocado um monumento evocativo, da autoria do arquitecto Mário de Oliveira»⁷².

69 Este departamento, em funcionamento entre 1957 e 1974, teve origem no Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1951), mais tarde designado de Gabinete de Urbanização do Ultramar (1951-1957). Milheiro, A. V. & Fiúza, F. (2013). *A Arquitetura dos Gabinetes de Urbanização Colonial em Moçambique (1944-1974)*. Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, [1-2].

70 Gonçalves de Oliveira, um dos arquitetos com um maior número de projetos assinados nas províncias do então território colonial português em África, foi responsável pela projeção de edifícios e equipamentos públicos e a conceção de espaços e planos urbanísticos, nomeadamente: a Residência das Irmãs de Bissau, em 1948, o Hospital Central de Bissau, em 1951, o edifício residencial da Caixa de Previdência dos Funcionários Públicos, em 1968, ou a Escola Técnica Silva e Cunha, em 1969, ambos em São Tomé. Em Moçambique foi responsável pelos projetos do Museu Regional – hoje Nacional de Etnografia – de Nampula, de 1955-1956, do Posto de Infecção e Desinfecção da Cidade da Beira e de um hotel para a cidade de Quelimane. (1968, junho). Objectiva do Ultramar. *Boletim Geral do Ultramar*, Lisboa, 516, 129; Milheiro, A. V., *Cabo Verde e Guiné-Bissau*, [5]; Milheiro, A. V. & Fiúza, F. (2013). *A Arquitetura dos Gabinetes de Urbanização Colonial em Moçambique (1944-1974)*, [8-9, 15-16].

71 As fontes consultadas não permitem conhecer com exatidão o período da estada da comitiva liderada por Mendes de Almeida na Ilha de Moçambique. O diretor-geral da Educação do Ultramar, chegado a Moçambique em 27 de junho de 1968, estava na Beira no dia 8 de julho e regressou a Portugal a 30 do mesmo mês, datas que permitem balizar a cronologia da realização da missão para estudo de implantação do monumento escultórico. (1968, julho-agosto), Informações e Notícias. Ensino, Investigação e Cultura: Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 272-273.

72 (1969, janeiro-fevereiro). Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 168. A participação direta do arquiteto volta a ser referida num outro artigo noticioso o mesmo *Boletim*. (1968, março). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões, 118-119.

Analisado o plano de circulação viária no quadrante oriental da *Cidade de Pedra*⁷³, optou-se, decerto após o parecer favorável emitido pela Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique, por instalar a estátua no pequeno Largo de Camões, área urbana com ligação direta à Avenida Marginal⁷⁴ – a atual Rua dos Combatentes –, uma artéria que percorre uma grande extensão do ilhéu à beira mar. A escolha do local teve ainda em conta a ligação histórica do Poeta com a cidade de Goa, para e de onde partiu sempre via Ilha de Moçambique, motivo pelo qual, segundo cremos, determinou a orientação da estátua para Este.

Contrariamente a outros conjuntos escultóricos similares, como as estátuas de Vasco de Gama erguidas em algumas das principais praças citadinas africanas – como a da Praça do antigo Palácio dos Governadores na mesma Ilha de Moçambique e da Praça de Portugal na Ilha de São Tomé –, o equipamento público dedicado a Camões não beneficiou da constituição de um amplo e nobilitante enquadramento urbanístico junto dos principais edifícios institucionais, militares, religiosos ou mesmo residenciais de aparato existentes na Ilha. Contudo, é necessário ter em conta que a partir dos finais da década de 1960 assistiu-se a «um decréscimo acentuado da encomenda e da inauguração de monumentos e de estatuária pública, depois de uma notória abertura à renovação plástica da escultura pública»⁷⁵.

A inauguração da «estátua consagrada pela Província ao Poeta Luís de Camões como símbolo da Pátria espalhada pelo mundo»

73 Desconhecemos a verdadeira dimensão da intervenção urbanística operada neste quadrante da ilha, sendo provável que os arruamentos fossem já existentes.

74 [Pereira, T. & Alberto, C.(?)] (1969, 24 de novembro). Comemorando dois centenários: Revestiram-se do maior brilhantismo as solenes cerimónias realizadas ontem na histórica Ilha de Moçambique. O Governador-Geral presidiu aos diversos actos. *Notícias*, Lourenço Marques, 14545, 1.

75 Abreu, J. G. R. P. de. (2006). *Escultura pública e monumentalidade em Portugal (1948-1998): estudo transdisciplinar de História da Arte e Fenomenologia Genética*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 556.

na manhã do dia 23 de novembro de 1969 foi, indubitavelmente, o ponto alto do programa festivo das comemorações camonianas realizadas na Ilha de Moçambique⁷⁶. No dia do aviso da partida do governador-geral, Rebello de Souza, figura máxima das comemorações a decorrer na Ilha de Moçambique entre os dias 22 e 23 de novembro⁷⁷, o jornal diário *Notícias* publicava a fotografia da escultura de *Luís Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*⁷⁸. A notícia publicada revelava, pela primeira vez e antes das festividades, o registo fotográfico da peça escultórica encomendada no âmbito das comemorações (Fig. 16), anunciava o artista responsável pela conceção do projeto artístico e divulgava o estaleiro envolvido na sua fundição:

ESTA É A ESTÁTUA A LUÍS DE CAMÕES QUE NO DOMINGO SERÁ INAUGURADA NA ILHA DE MOÇAMBIQUE, DA AUTORIA DO ARTISTA LOCAL ANTÓNIO PACHECO E EM BRONZE, A ESTÁTUA FOI FUNDIDA NAS OFICINAS DOS CAMINHOS DE FERRO DE MOÇAMBIQUE ONDE A FOTO MOSTRA POUCO ANTES DE EMBARCAR PARA O NORTE⁷⁹.

A autoria do projeto para a obra escultórica é ainda confirmada por uma fonte oficial, o *Boletim Geral do Ultramar* publicado no último quadrimestre de 1969⁸⁰.

76 A própria imprensa ultramarina fez eco disso: «A inauguração da estátua de Camões, esta manhã, foi o ponto mais alto das comemorações que se desenrolam na Ilha de Moçambique para assinalar a passagem do grande épico por esta terra». (1969, 24 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 6774, 1-3.

77 (1969, 22 de novembro). O Governador-Geral parte hoje para o Norte, 1, 4.

78 (1969, 22 de novembro). Esta é a estátua a Luis de Camões que no Domingo será inaugurada na Ilha de Moçambique. *Notícias*, Lourenço Marques, 14543, 4.

79 (1969, 22 de novembro). Esta é a estátua a Luis de Camões, 4.

80 (1969, setembro-dezembro). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 202.

O artista responsável foi António José Barroso Martins Pacheco [1929-2008], escultor português⁸¹ formado com distinção na Escola Superior de Belas Artes do Porto no decénio de 1952-1962⁸², durante a direção de Carlos Ramos [1897-1969] e a docência de Salvador Barata Feyo [1899-1990], Simão Dórdio Gomes [1890-1976] e Artur Nobre de Gusmão⁸³ [1920-2001]. Discípulo do mestre-escultor Barata Feyo, António Pacheco teve uma fase inicial de pendor classicista da qual por «exclusivo mérito pessoal buscou a evasão, em anos de esforço diário», procurando novas soluções nas influências estéticas e domínios técnicos do escultor bielorusso radicado em França, Ossip Zadkine [1890-1967], e do escultor inglês Henry Moore⁸⁴ [1898-1986].

No ano seguinte à conclusão dos estudos, em 1963, rumou para Moçambique – como tantos outros artistas que para as antigas colónias partiram⁸⁵ –, vindo a integrar os quadros de docência

81 Natural de Abadim, Cabeceiras de Basto, António Pacheco nasceu em 23 de fevereiro de 1929 e faleceu em 30 de dezembro de 2008. Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto [CMCB], *Ata da Reunião da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto realizada no dia oito de janeiro de dois mil e nove*, 2009, 8 de janeiro, 2.

82 António Pacheco esteve inscrito de 1 de janeiro de 1952 a 9 de junho de 1962, e concluiu os estudos com 18 valores. Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto [AFBAUP], *Inventário Alumni [da Escola de Belas-Artes do Porto]. (1836-1957) organizado por ordem alfabética*, 1836-1957, Porto, 17; *Livro de Matrícula*, n.º 5, 1949-1954, Porto – Cota 282.

83 Matos, L. A., *Escultura em Portugal no século XX*, 337-338, 377-381. Entre os muitos colegas contemporâneos matriculados nos anos de 1952 e 1953 destacam-se António Fernando de Sousa Pinheiro, António Costa Ferreira, Célio Melo da Costa, Domingos Pinto de Faria, Joaquim da Cruz Gomes, Maria Augusta Cramês (em escultura); Abel Almeida da Costa Mendes e António Lucena e Quadros (em pintura); Bento Lousan, Nikias Scapinakis, Raul Hestnes Ferreira (em arquitetura). [AFBAUP], *Inventário Alumni [da Escola de Belas-Artes do Porto]. (1836-1957) organizado por ordem alfabética*, 1836-1957, Porto, 1, 12, 15, 16, 17, 32, 34, 57, 59, 89, 96.

84 Saavedra, R. de. (1969, 3 de outubro). Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique – O escultor António Pacheco dará por concluído dentro em breve o seu novo monumento. *Notícias*, Lourenço Marques, 14495, 4.

85 Como Frederico Ayres [1887-1963], que se fixou em Lourenço Marques em 1941, ou Cruzeiro Seixas [1920-2020], que seguiu para Luanda nos inícios da década de 1950. Costa, A. (2013). *Arte em Moçambique: entre a construção da nação e o mundo*

de Artes na Escola Técnica Elementar General Joaquim José Machado, unidade de ensino de Lourenço Marques fundada em 1937⁸⁶ e à qual António Pacheco esteve ligado até pelo menos ao ano de 1973⁸⁷.

Durante a estada africana «deixou marcas distintivas do seu magnífico trabalho»⁸⁸, nomeadamente em Moçambique e na África do Sul⁸⁹. Regressado a Portugal na década de 1970 instalou-se em Braga, onde fixou a oficina a partir do qual continuou a exercer a atividade artística nos anos seguintes⁹⁰.

sem fronteiras (1932-2004). Lisboa: Verbo, 113; Matos, L. A., *Escultura em Portugal no século XX*, 458.

86 Costa, A. (2013). *Arte em Moçambique*, 117.

87 (1963). *Anuário da Província de Moçambique. 1963*. Lourenço Marques, 45, 228; (1965). *Anuário da Província de Moçambique. 1964-1965*. Lourenço Marques, 46, 232; (1966). *Anuário da Província de Moçambique. 1966*. Lourenço Marques, 47, 235; (1967). *Anuário da Província de Moçambique. 1967-1968*. Lourenço Marques, 48, 245; (1969). *Anuário da Província de Moçambique. 1969*. Lourenço Marques, 49, 305; (1973). *Anuário do Estado de Moçambique. 1972-1973*. Lourenço Marques, 214.

88 CMCB, Voto de pesar e homenagem – Escultor [António] José Barroso Martins Pacheco, 2.

89 Em Lourenço Marques, os conjuntos escultóricos de *Coimbra* e a *Justiça* para o Tribunal da Relação, a *Serenata* para a Associação dos Antigos Estudantes (de Coimbra?) e ainda uma outra peça para o Quartel da Polícia Militar; e em Durban, na África do Sul, concebeu *Os Ferreiros* para a Galeria Municipal de Durban (será a atual Durban Art Gallery?). Saavedra, R. de, *Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique*, 4.

90 Da sua oficina saíram as obras do Imaculado Coração de Maria (1982?) e do Papa João Paulo II (1984?), em Braga; do São Bento (?), em São Bento da Porta Aberta, no Sameiro; do Monumento Comemorativo das Bodas de Ouro do Colégio de São Miguel de Refojos (1995), do Monumento ao Agricultor e do busto de José Maria Martins Pacheco (ambas de 1997), em Cabeceiras de Basto; do monumento *Ao Homem do Mar*; em Setúbal. CMCB, Voto de pesar e homenagem – Escultor [António] José Barroso Martins Pacheco, 2; Duarte, M. D. C. (2012). *Fátima e a criação artística (1917-2007): o Santuário e a Iconografia – a arte como cenário e como protagonista de uma específica mensagem*. Coimbra: Dissertação de Doutoramento em Letras, área de História, especialidade de História da Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, I, 401.



Figura 16: Estátua de *Luís Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique* depositada no estaleiro de fundição dos Caminhos de Ferro de Moçambique António Pacheco (conceção) Caminhos de Ferro de Moçambique (fundição) | 1969 | Escultura

Proveniência: (1969, 22 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 6774, 1.

Desconhece-se, contudo, como decorreu o processo de seleção de António Pacheco para execução do projeto artístico da escultura do Poeta, assim como os procedimentos concursais públicos definidos para a sua contratação a partir do Ministério do Ultramar⁹¹. Com base no artigo assinado por R. de Saavedra, publicado em 3 de outubro de 1969, a obra escultórica foi recomendada – por volta de julho/agosto de 1969 – pelo secretário Provincial de Educação de Moçambique, Francisco Maria Martins, muito provavelmente, o mesmo responsável por providenciar a deslocação do artista à Ilha de Moçambique para «estudar o local e a composição ambiente» conjuntamente com o arquiteto Quirino da Fonseca⁹².

Aprovada superiormente, o artista dedicou «todos os seus momentos livres na execução da obra, em certo armazém de empréstimo pertencente às Obras Públicas»⁹³, conforme o instante capturado pelo fotógrafo do jornal (Fig. 17). Segundo a notícia publicada, o discípulo de Barata Feyo elaborou um molde escultórico em apenas três dias, proeza alcançada somente devido ao domínio técnico e ao conhecimento artístico. Embora extenso valerá a pena reproduzir o seguinte excerto que destaca a sua capacidade laboral artística:

91 Os procedimentos oficiais adoptados para a execução da escultura terão sido, muito provavelmente, comuns aos que corriam em processos similares na metrópole, como revela o decreto referente ao concurso para a execução da escultura de Camões da autoria de Euclides Vaz para a Biblioteca Nacional. Embora o processo sofresse um profundo atraso, quem sabe se devido à mudança do local de exposição da peça – programada para o auditório em 1961, acabou por ser colocada no exterior da fachada principal em 1969 –, o decreto concedia as devidas autorizações para que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais celebrasse o contrato por ajuste direto com o escultor, fixando o prazo de entrega em 330 dias e estipulando o valor total de 175000\$00 escudos. (1961, 12 de maio). Ministério das Obras Públicas. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Decreto n.º 43687. *Diário do Governo*, Lisboa, I série, 111/1961, 575.

92 Saavedra, R. de, *Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique*, 4.

93 Saavedra, R. de, *Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique*, 4.

António Pacheco, apesar dos seus quarenta anos, vive em loucuras de juventude a obra que constrói. Antigo internacional de remo, conserva ainda agora aquele espírito desportivo de lutar contra o tempo e os rápidos para que o rio da vida o empurra. Realizar este «Camões» em três meses, por exemplo, talvez fosse para muitos realizar o impossível, se pensarmos que além disso teriam de cumprir horários a leccionar numa Escola Industrial, tal como ele cumpre. Pacheco mediu forças e pensou que três meses eram noventa dias e noventa noites. Assim, noite e dia, sem distinção, o suor em camarinhas a derreter-lhe o corpo todo e a ensalitrar o barro, os braços e os olhos já feitos [em] barro também, o artista continua na sua luta de campeão [...]. Tenho-o visto alheio ao mundo à volta duma ideia, em busca dum quase nada. As horas passam que passam. Destrói e constrói. Depois, como que em transe, acerta pormenores, dilacera fragmentos, até cair extenuado, como extenuado já o vi cair⁹⁴.

Concebido em argila para depois ser passado a gesso requerido para o processo de fundição da peça em bronze, o molde da escultura foi depurado, limpo e limado de todos os excessos, conforme sugere a entrevista dada pelo escultor. Saavedra chegou mesmo a afirmar que talvez «este «Camões» pouco venha a significar na carreira evolutiva de António Pacheco», em virtude de o pouco tempo de manobra o tenha obrigado a «cingir-se aos moldes clássicos»⁹⁵.

94 Saavedra, R. de, *Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique*, 4.

95 Saavedra, R. de, *Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique*, 4.

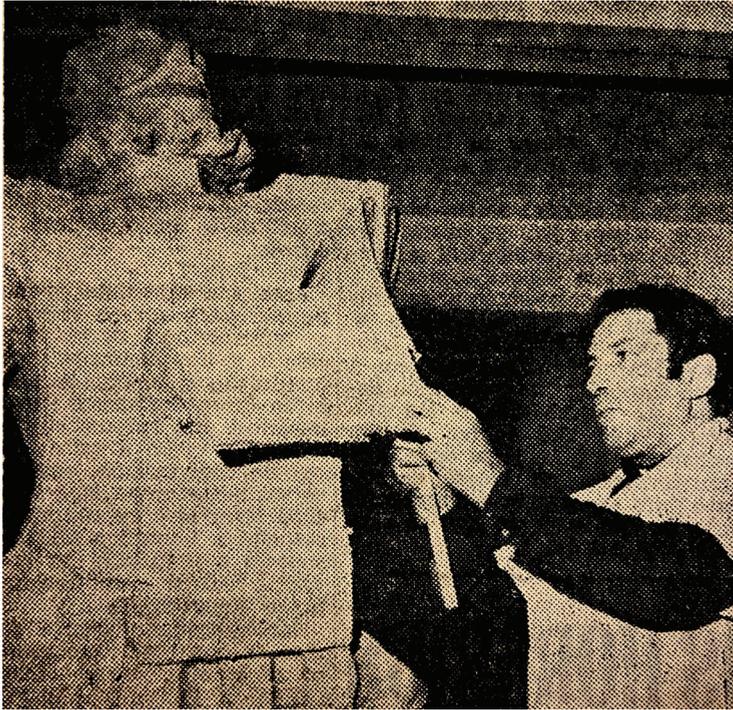


Figura 17: António Pacheco a trabalhar no molde da estátua de *Luís Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique* no armazém das Obras Públicas de Lourenço Marques António Pacheco (conceção) | 1969 | Escultura

Proveniência: Saavedra, R. de (1969, 3 de outubro). Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique – O escultor António Pacheco dará por concluído dentro em breve o seu novo monumento. *Notícias*, Lourenço Marques, 14495, 4.

A escultura de *Luis Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*, o quinto monumento de grande envergadura da autoria de António Pacheco em território africano⁹⁶, mostra uma figura dotada de uma forte carga dramática destinada a ocupar um cenário teatral defronte ao mar, numa solução compositiva instrumentalizada de modo a captar a atitude solene e compenetrada exigida no momento da leitura dos versos da estrofe LIV do canto I da obra magna dedicados pelo Poeta à ilha que o acolheu por breves anos (Figs. 18-19).

⁹⁶ Saavedra, R. de, Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique, 4.

A cabeça, bem modelada nas feições fisionómicas do rosto barbado, está erguida e não permite, à primeira investida do observador, reparar na mutilação do olho esquerdo (Figs. 20-21). Enquanto a mão direita está soerguida, com palma aberta, a esquerda empunha um fólio enrolado alusivo ao manuscrito de *Os Lusíadas*, atributo de maior valor simbólico associado ao Poeta e já explorado por muitos outros artistas, como Ernesto Canto da Maia [1890-1981], na escultura *Evocação do Génio de Camões* concebida para a sala IX do Pavilhão dos Descobrimentos da *Exposição do Mundo Português*, em 1940, ou Joaquim Martins Correia, na estátua executada para a velha cidade de Goa, em 1958⁹⁷. A posição das pernas entreabertas (Fig. 18), com a esquerda avançada em relação à direita, insinua a influência do retrato de Camões de José Malhoa [1855-1933], depositado no Museu Militar de Lisboa.

O vestuário, constituído por calção e mangas tufadas e adornado com a gorjeira alta e os punhos rufados, todos volumosos e acentuadamente angulosos (Figs. 18-21), torna-se no principal elemento de representação histórica que geralmente permite caracterizar a indumentária nobre das personalidades de Quinhentos, e, em particular, a do Poeta português segundo as reinterpretações histórico-artísticas posteriores, sobretudo, a partir de Oitocentos.

Apesar da influência dos modelos ditos tradicionais das representações escultóricas de Camões e dos supostos moldes clássicos optados pelo artista, o mesmo jornalista acabou por reconhecer o carácter inovador da obra escultórica de António Pacheco na «convergência de linhas, um jogo de côncavos e convexos que, em recorte moderno, emprestam poesia e especial toque de orgulho à figura

97 Carvalho, G. (2011). *Martins Correia – Laureatus. O Mestre da forma e da cor*. Lisboa: Althum.com, 198. A figura escultórica de Camões concebida por José Simões de Almeida [1844-1926] reproduz a obra de *Os Lusíadas* mas sob o formato de um livro. Matos, L. A., *Escultura em Portugal no século XX*, 277-279; Nunes, P. S. (2005), Correia, Joaquim Martins, Pereira, J. F. (dir.). *Dicionário de Escultura Portuguesa* (161-165). Lisboa: Caminho, 163.

então desprezada que Pacheco pretende reconstruir»⁹⁸. E remata ao afirmar que esta obra não representa

a figura normal de Camões, sentado e pensativo; não é sequer aquela de António Carneiro lendo «Os Lusíadas» aos frades de S. Domingos; este Camões é um ser criado entre nuvens, perfeitamente aéreo, solitário, quase um Dom Quixote arremessando à imensidão do Índico os versos que os seus contemporâneos desconheciam ou ainda subestimavam⁹⁹.

Apesar do relatório contraditório do jornalista, a composição escultórica de António Pacheco revela uma inequívoca influência do arquétipo da monumental estátua brônzea homónima concebido por Joaquim Martins Correia¹⁰⁰ para a cidade de Goa¹⁰¹ (Fig. 22), concluída em 1958¹⁰² e inaugurada em 10 de junho de 1960¹⁰³. São, pois, inegáveis, a expressão dinâmica conferida à posição dos membros e à torção do corpo – com um ar quase quixotesco de facto –, a modelação plástica da indumentária, embora sem a capa caída pelas costas, e a adoção simbólica do mesmo atributo poético alusivo à obra magna do Poeta, com a ausência do também simbólico laurel.

98 Saavedra, R. de, Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique, 4.

99 Saavedra, R. de, Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique, 4.

100 O mesmo responsável pela modelação da medalha de 1969, atrás analisada, e o autor de várias obras escultóricas para as antigas cidades-capitais coloniais, nomeadamente em Lourenço Marques. Nunes, P. S., Correia, Joaquim Martins, 163.

101 Goa, tal como a Ilha de Moçambique, também ficou associada à composição parcelar de *Os Lusíadas*, representado simbolicamente nos fólios empunhados na mão esquerda da peça escultórica.

102 Nunes, P. S., Correia, Joaquim Martins, 162; França, J.-A., *A Arte em Portugal no Século XX*, 278.

103 A cerimónia de inauguração foi presidida pelo governador Manuel António Vassallo e Silva [1899-1985]. (1968, julho-agosto). Informações e Notícias. Museu Militar. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 241.



Figuras 18-19: Escultura de Luís Vaz de Camões declamando *Os Lusíadas* na Ilha de Moçambique

Registo fotográfico: Milton Pacheco | 2011, agosto



Figuras 20-21: Detalhes da escultura de *Luís Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*

Registo fotográfico: Milton Pacheco | 2011, agosto

Por sua vez, a peça escultórica de Martins Correia (Fig. 22), tida como um dos seus melhores trabalhos pelas soluções originais que aligeiraram o «solene compromisso oficial» da encomenda estatal¹⁰⁴, parece ter sido inspirada na ilustração de Camões da autoria do caricaturista Raphael Bordallo Pinheiro [1846-1905], concebida para a rara e incompleta edição de *Os Lusíadas* (Fig. 23) impressa em Lisboa pela Tipographia Elzeviriana no ano de 1883, sob a direção conjunta de Joaquim Teófilo Braga [1843-1924], António Lopes dos Santos Valente [1839-1896], Jayme Victor [1855-1924], Francisco Manuel Raposo de Almeida [1817-1886] e Luiz Salvador Marques [1838-1907] e prefaciada por Manuel Pinheiro Chagas¹⁰⁵ [1842-1895].

104 França, J.-A., *A Arte em Portugal no Século XX*, 278.

105 No desenho de Bordallo Pinheiro, Camões empunha uma harpa e não o manuscrito de *Os Lusíadas*. Camões, L. V. de (1883). *Os Lusíadas*, Braga, T., Valente, S., Victor, J., Almeida, F. de & Marques, S. (Dir.), Chagas, M. P. (Pref.) *Homenagem a Camões. Grande Edição Manuscripta dos Lusíadas pelos Contemporâneos illustres de Portugal e Brazil*. Lisboa: Tip. Elzeviriana. Porém, a indumentária de ambas as representações parece ter sido claramente influenciada pelo desenho que Francisco de Assis Rodrigues [1801-1877], discípulo de Joaquim Machado de Castro [1731-1822] e professor na Academia de Belas Artes, submeteu a concurso na Exposição da Academia Real de Belas-Artes, em 1843, *Camões coroado pelo génio da nação*. Coutinho, B. X. (1946). *Camões e as Artes Plásticas*, I, 343-344.



Figura 22: Escultura de Luis Vaz de Camões na cidade de Velha Goa, Índia (atualmente no Goa State Museum)

Joaquim Martins Correia
1958
Bronze

Registo fotográfico: Emissora de Goa (Porto: Artistas Reunidos – postal)
Proveniência: Biblioteca Nacional de Portugal (BNP: pi-1331-p).



Figura 23: Luis Vaz de Camões

Raphael Bordallo Pinheiro

1883

Gravura

Proveniência: Camões, L. V. de (1883). *Os Lusíadas*, Braga, T., Valente, S., Victor, J., Almeida, F. de & Marques, S. (Dir.), Chagas, M. P. (Pref.) Homenagem a Camões. Grande Edição Manuscrita dos Lusíadas pelos Contemporâneos illustres de Portugal e Brazil. Lisboa: Tip. Elzeviriana, 1. BGUC – Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Por todos os motivos, mais facilmente António Pacheco teria tido conhecimento da obra escultórica do colega, inaugurada nove anos antes, do que com esta rara edição de Camões que, curiosamente, alude no texto do argumento do canto I ao território de Moçambique.

Se Martins Correia procurou quebrar os cânones estabelecidos no seu tempo¹⁰⁶, António Pacheco com esta peça dedicada a Camões não só o seguiu como o conseguiu superar, ao materializar um ensaio escultórico de vanguarda para a época – e sobretudo para aquele território – sob a clara influência dos cânones geometrizes de Ossip Zadkine. Concebida numa escala contida adaptada ao espaço envolvente, a escultura apresenta formas volumetricamente geometrizadas e estilizadas, com linhas acutilantes de traços austeros sequenciados que anulam intencionalmente determinadas superfícies do corpo e do traje, mas não comprometem a carga dramática da figura retratada.

Conforme atesta o excerto da notícia publicada em 22 de novembro de 1969, os trabalhos de fundição do esboço engessado decorreram nos estaleiros dos Caminhos de Ferro de Moçambique, parcialmente reproduzidos na fotografia capturada¹⁰⁷. As próprias siglas «C. F. M.» reproduzidas em duas faces da base da escultura, uma inscrita e outra justaposta com o logótipo da empresa estatal (Fig. 24), corroboram, de forma inegável, a participação dos Caminhos de Ferro de Moçambique, estabelecidos em Lourenço Marques desde 1895¹⁰⁸, em todo o processo de fundição da peça escultórica¹⁰⁹.

106 Matos, L. A., *Escultura em Portugal no século XX*, 353.

107 (1969, 22 de novembro). Esta é a estátua a Luis de Camões, 4.

108 Graça, P. B. (2011). Moçambique e os Territórios Vizinhos. Ensaio de Geo-História da I República, 110.

109 Supomos que o processo tenha decorrido durante a administração do engenheiro Fernando Seixas.



Figura 24: Pedestal do monumento escultórico erguido a *Luís Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique* com as duplas inscrições referentes aos Caminhos de Ferro de Moçambique

António Pacheco (conceção) Caminhos de Ferro de Moçambique (fundição) | 1969 | Escultura

Registo fotográfico: Milton Pacheco | 2011, agosto

A estátua, enviada de Lourenço Marques nas vésperas da inauguração¹¹⁰, foi colocada sobre um pedestal, talhado num único bloco de pedra local e dotado de uma legenda inscrita, de modo a assinalar o evento comemorativo (Fig. 25):

A CAMÕES
NO IV CENTENARIO
DE SUA ESTADA NESTA
ILHA DE MOÇAMBIQUE¹¹¹.

110 Poderá a estátua ter sido enviada nas vésperas no paquete Infante D. Henrique, no célebre *cruzeiro dos centenários* que zarpou da cidade-capital em 18 de novembro e chegou à cidade isleña na madrugada de 22 seguinte? Ou teria ido numa outra data e por um outro meio de transporte? (1969, 12 de novembro). Um cruzeiro no "Infante D. Henrique" integrado nas comemorações camoneanas. *Diário de Moçambique*, 6763, 1; (1969, 22 de novembro). Esta é a estátua a Luis de Camões, 4; (1969, 24 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1.

111 A seção inferior possuía ainda uma segunda legenda, de imperceptível leitura a partir do único registo fotográfico conhecido do pedestal, muito provavelmente,

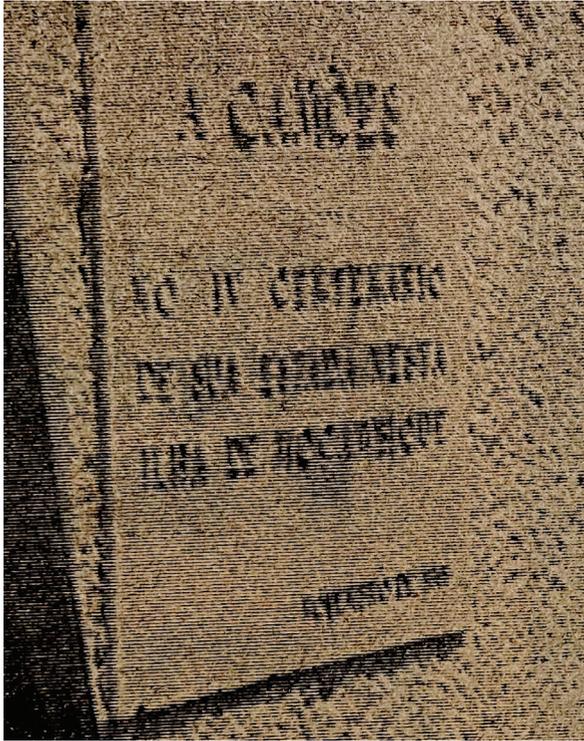


Figura 25

Pedestal do monumento erguido a *Luis Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*

Autor desconhecido | 1969, 23 de novembro | Fotografia

Proveniência: (1969, 22 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 6774, 1.

Embora o tema e o representado se inserissem na incontestável temática historicista do Império Ultramarino Português, a obra concebida parecia romper com os valores estéticos e os próprios programas artísticos propagados pelo regime político que a promovia. Imaginada para ocupar um espaço público da ínsula, afastado e secundário, a estátua de Camões integrava a galeria de «figuras de heróis, factos

com a indicação da data ou da comissão executiva responsável ou mesmo até do próprio ministério ultramarino. (1969, 22 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1.

históricos e empreendimentos patrióticos» da Nação envoltos num «registo simbólico e narrativo» apropriado pelo regime¹¹².

Em diversos momentos, os órgãos tutelares da máquina propagandística do Estado Novo encomendaram obras para «a glorificação de Camões», é certo, mas segundo uma «ideologia nacionalista que se serve da História não para distinguir o passado e presente, mas para sufragar um presente que prolonga um passado exemplar», sobretudo «nos territórios ultramarinos sob o domínio português»¹¹³ que ameaçavam cortar os vínculos com a metrópole.

Conforme notou Lúcia Almeida Matos [1955], o aparelho central do Estado Novo serviu-se de «representações modernizadas de personagens distantes e, como tal, passíveis de uma indiscutida manipulação»¹¹⁴. Camões não poderia deixar de ser exceção! Ainda assim, e apesar das mudanças estéticas e até políticas já em curso, no mesmo ano em que foi inaugurada a estátua de Camões na ínsula moçambicana, na metrópole foi colocada na fachada principal da Biblioteca Nacional de Lisboa/Portugal a hierática escultura homónima da autoria de Leopoldo de Almeida [1898-1975], obra de clara linguagem classicista, comum a tantas outras imagens escultóricas dedicadas ao Poeta executadas pelos artistas ao serviço do Estado Novo ao longo das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960, como Canto da Maia, Barata Feyo, Euclides Vaz [1916-1991] ou Martins Correia¹¹⁵.

A linguagem formal e a execução técnica impressas por António Pacheco neste Camões são reveladoras de uma clara tentativa de romper

112 Nunes, P. S. (2005), *Arte Pública*, Pereira, J. F. (Dir.). *Dicionário de Escultura Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 61.

113 Martins, S. (2007). As vidas de um poeta maior: sobre Camões e Aquilino Ribeiro. In I. Almeida, M. I. Rocheta & T. Amado (org.), *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina Leal de Matos*. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 856.

114 Matos, L. A., *Escultura em Portugal no século XX*, 289.

115 (1961, 12 de maio). Ministério das Obras Públicas. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Decreto n.º 43687. *Diário do Governo* - I série, 111/1961, 575; João, M. I., *Património e Memória da Nação: a Iconografia de Camões*, 143-146.

com as normas classicistas vigentes, configuradas pelas diretrizes impostas pelo regime no campo da encomenda oficial. Ao observar um conjunto de outras obras camonianas coevas «constata-se que a linguagem plástica se altera progressivamente», vindo os artistas a optar por «algumas liberdades formais, nomeadamente poses menos hieráticas e de linhas mais modernas, que subtilmente assinalavam o abandono progressivo da fidelidade ao género clássico da estatuária»¹¹⁶.

Embora aprovada superiormente¹¹⁷, a obra encomendada parece não ter sido bem acolhida num momento em que o regime começara a manifestar as suas inevitáveis fragilidades. Por ocasião das comemorações não só a peça escultórica foi banida dos órgãos de comunicação, os oficiais e os de informação – com exceção dos artigos publicados no jornal diário *Notícias* antes da sua inauguração –, como o nome do artista raramente foi mencionado¹¹⁸. Nem mesmo nas datas evocativas celebradas nos meses seguintes, a peça escultórica dedicada ao Poeta seria explorada na imprensa moçambicana¹¹⁹.

116 Elias, H., Marques, I. (2012, junho). As últimas encomendas de arte pública do Estado Novo (1965-1985). *on the w@terfront*, 23, 17.

117 Saavedra, R. de, Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique, 4.

118 Basta mencionar que no *Diário de Moçambique*, nos dias 24 e 25 de novembro, foram publicadas cinco fotografias dos eventos oficiais de Camões e de Vasco de Gama e em nenhuma delas surge a estátua. Somente o plinto de suporte da estátua foi fotografado no momento do ato de descerramento promovido por Rebelo de Souza. Contrariamente, foi divulgado o momento de implantação do padrão de Vasco de Gama na Ilha de Goa. Conforme ficou demonstrado, somente o jornal laurentino *Notícias* fez uma cobertura atenta da peça escultórica e do seu artista, nomeadamente no artigo do jornalista Saavedra, de 3 de outubro, no qual mostrava o artista a trabalhar no seu esboço escultórico. Porém, após a cerimónia de inauguração, a escultura voltou a ser ignorada uma vez mais. Na extensa peça publicada no *Notícias* dedicada aos centenários, em 6 de dezembro seguinte, em nenhuma das onze fotografias devidamente legendadas foi incluída a peça escultórica de António Pacheco. (1969, 24 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1, 3; (1969, 25 de novembro). *Diário de Moçambique*, 6775, 1, 3; Saavedra, R. de, Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique, 4; (1969, 6 de dezembro). Comemoração dos dois centenários. *Notícias*. Lourenço Marques, 14556, 16.

119 Durante as comemorações do Dia de Portugal realizadas em Moçambique em junho de 1970, alguns meses após a inauguração da escultura, não foi divulgada nenhuma notícia referente à escultura de Camões na Ilha de Moçambique. Nem

De acordo com o relato dos enviados especiais do jornal *Notícias*, Tito Pereira e Carlos Alberto, o «conhecido escultor António Pacheco [...] se deslocou à Ilha a convite do Governador-Geral» para assistir às cerimónias oficiais¹²⁰, porém, o seu nome e fotografia ficaram ocultados na imprensa jornalística da província e da metrópole¹²¹. No âmbito da divulgação do evento camoniano, somente a medalha e a coletânea de selos mereceram alguma atenção no *Boletim Geral do Ultramar*, o órgão noticioso da Agência-Geral do Ultramar¹²², con-

mesmo nas festas do Dia da Cidade de Moçambique, celebradas nos dias 28 de fevereiro e 1 e 2 de março de 1970, o programa contemplou a peça escultórica ou sequer a figura histórica de Camões, estando, no entanto, prevista uma homenagem a Vasco da Gama. O Poeta foi somente lembrado num pequeno artigo dedicado à antiguidade e à multiculturalidade da Ilha de Moçambique e ao património digno de visitar – neste texto foi somente mencionado pela Ilha de Moçambique, identificada como um álbum de recordações e vivências, passaram heróis e santos, soldados e missionários, entre os quais Vasco da Gama, Luis de Camões, São Francisco Xavier, entre outros – e completamente olvidado no artigo dedicado à renovação material e promoção cultural daquele território insular. L. (1970, 12 de junho). Solenemente comemorado o “Dia de Portugal” em toda a Província. *Diário de Moçambique*, 6968, 1, 12; (1970, 14 de junho). Comemorado condignamente em Nampula o dia 10 de Junho – Dia da Raça. *Diário de Moçambique*, 6970, 13; (1970, 2 de março). Dia da Cidade de Moçambique: Programa das festas da cidade de Moçambique. *Diário de Moçambique*, 6890, 5; (1970, 2 de março). Dia da Cidade de Moçambique: a Ilha de Moçambique. Encontro de mil caminhos. *Diário de Moçambique*, 6890, 5; (1970, 2 de março). Dia da Cidade de Moçambique: A nova velha ilha.... *Diário de Moçambique*, 6890, 6-7.

120 [Pereira, T. & Alberto, C.?] (1969, 23 de novembro). História Secular: a Ilha de Moçambique estará hoje em festa comemorando o IV Centenário da Estada da Camões. Imponentes cerimónias de extraordinário significado com a presença do Chefe da Província. *Notícias*, Lourenço Marques, 14544, 1.

121 Esta situação provoca de facto alguma estranheza. Somente com a análise do processo interino, com as propostas submetidas pelo artista contratado às entidades oficiais e a possível troca de correspondência – caso existam – será possível averiguar se o projeto foi devidamente validado superiormente pelos órgãos consultivos do regime – nomeadamente pelo gabinete da Educação do Ultramar/Junta Nacional da Educação ou eventualmente pela Academia Portuguesa de História –, ou se, porventura, a degradação dos serviços centrais com competências na encomenda da arte pública estatal nos finais da década de 1960 se revelou inoperante na sua apertada vigilância. Elias, H., Marques, I. (2012, junho). As últimas encomendas de arte pública do Estado Novo (1965-1985), 7-11.

122 (1969, janeiro-fevereiro). Objectiva do Ultramar. Medalha comemorativa do IV Centenário da Estada [120]; (1969, junho). Informações e Notícias. Filatelia. [Selos comemorativos do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique]. *Boletim Geral do Ultramar*, 528, 199.

trariamente às dos outros centenários, nacionais¹²³ e estrangeiros¹²⁴, amplamente divulgados conjuntamente com as respetivas coleções artísticas comemorativas.

Entretanto, nas vésperas da consolidação do processo de independência de Moçambique, o governo provisório decretou, em maio de 1975, o desmantelamento e acondicionamento dos conjuntos escultóricos erguidos pelos portugueses¹²⁵. Cada um desses monumentos representava, de forma inequívoca, a presença física e a força material de um império assente num «mundo de estátuas e de símbolos [...onde...] cada inauguração, [c]ada discurso, cada estátua era um marco de posse»¹²⁶. A estátua de Camões, apesar de retratar uma figura do passado aceite na longa história da Ilha de Moçambique, simbolizava também a génese do povo português, conquistador e dominador. Apesar dos versos sentidos que dedicara à pequena Ilha Moçambique na sua obra magna, Camões naqueles

123 (1970, 24 de junho). [Medalha comemorativa do V Centenário do Nascimento de D. Manuel I]. *Diário de Moçambique*, 6980, 10; (1970, 24 de outubro). Mini-monumental: uma desolação estatuária diminui uma cidade inteira. *Diário de Moçambique*, 7096, 2.

124 (1970, 29 de março). [Os Correios do Vaticano: Expo-70]. *Diário de Moçambique*, 6895, 5; (1970, 1 de julho). Medalha comemorativa do Concílio Vaticano I. *Diário de Moçambique*, 6987, 8; (1970, 12 de julho). [Suazilândia emite série de selos comemorativos para os Jogos da Commonwealth]. *Diário de Moçambique*, 6998, 10.

125 Verheij, G. (2014). Monumentos coloniais em tempos pós-coloniais: a estatuária de Lourenço Marques. *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França. Sessões Simultâneas*. Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores da Arte, 38. Na antiga capital, Lourenço Marques, os equipamentos escultóricos públicos começaram a ser desmantelados entre setembro de 1974 e junho de 1975, muito embora o decreto ministerial só tenha sido homologado em maio do último ano. Embora os dois autores mencionem por duas vezes o processo de remoção e restituição da estátua camoniana da Ilha de Moçambique, não indicam nenhuma data concreta, nem esclarecem quais os procedimentos institucionais implementados. Mendonça, L. F. & Mendonça, R. (2021). Culto dos monumentos históricos e projeto imperial na década de 1940: Negociando um passado colonial em Maputo e além, *Urbe: revista brasileira de gestão urbana*, 13, 2-4.

126 Conforme salientou Verheij, há muito que a imprensa nacional moçambicana lançara o debate sobre esta questão, nomeadamente o periódico *Notícias de Moçambique* nas edições de 21 de dezembro de 1974 e de 8 e 22 de fevereiro de 1975. Uma vez removidos esses monumentos deveriam ser acondicionados em espaços museológicos de modo a servirem de fontes de «estudo da história da ocupação colonial». Verhjei, G., Monumentos coloniais, 38, nt. 10, 39-40.

conturbados tempos de guerra passara a integrar o rol da herança colonial contestada.

Conforme salientou António de Figueiredo, a universal projeção alcançada por *Os Lusíadas* «também se deve em grande parte à forma como o poema se prestava ao enaltecimento do Imperialismo e da hegemonia europeus», de modo que no decurso do processo de descolonização nas antigas colónias tenha ocorrido «um momentâneo fenómeno de crítica rejeição de *Os Lusíadas* e de Camões» com implicações diretas no património histórico e artístico de origem portuguesa:

Nos anos de 1974 e 1975, quando o processo de descolonização se acelerava e nas antigas colónias se demoliam estátuas de Vasco da Gama e Henrique, o *Navegador*, Camões era igualmente colhido na onda de protestos contra o passado colonial¹²⁷.

Com a implementação do decreto governamental, a estátua erguida na Ilha de Moçambique foi removida nos meses ou anos imediatos e posteriormente guardada – ao que tudo indica ou no antigo Palácio dos Governadores ou nos armazéns da alfândega¹²⁸ – e a placa inaugural disposta no plinto que a suportava destruída. Mas a forte ligação histórica de Camões àquele pedaço do território

127 Figueiredo, A. de (1981). Camões e o expansionismo europeu. *Estudos sobre Camões: páginas do Diário de Notícias* dedicados ao poeta no 4.º Centenário da sua morte. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda/ Editorial Notícias, 51, 54.

128 Tendo em conta que o antigo edifício do Palácio dos Governadores retomou as suas funções museológicas logo em 1977, é possível que as imagens escultóricas removidas tenham sido lá depositadas ou entretanto transferidas, onde já se encontrava o retrato do Poeta e veio a ser depositada a primitiva porta principal do edifício residencial da dita Casa de Camões. Segundo as informações recolhidas junto dos técnicos do museu, em agosto de 2011, a estátua de Camões esteve algum tempo em depósito no edifício sem, contudo, haver a possibilidade de confirmar a data de ingresso da mesma. Porém, Boaventura de Sousa Santos [1940] asseverou, muito recentemente, que a estátua de Camões esteve depositada no edifício da antiga alfândega. Santos, B. de S. (2021, 25 de agosto). Borba Gato (1649-). O colonialismo não é passado. Se fosse, as estátuas pelo mundo afora estariam sossegadas e entregues às pombas. *Carta Maior. O Portal da Esquerda*.

moçambicano – ainda hoje manifestada de forma inequívoca pela população da ilha – determinou a sua restituição ao local primitivo muito antes da estátua de Vasco da Gama¹²⁹, situação que atesta o sentimento conferido ao Poeta¹³⁰.

A estátua parece ter sido recolocada na praça original no decurso do programa de beneficiação patrimonial implementado no âmbito da candidatura da Ilha de Moçambique a Património Mundial pela UNESCO, processo concluído em 1991 com a sua inclusão na lista de bens classificados¹³¹.

Ainda que a sua restituição seja reveladora de um compromisso de união entre os povos na aceitação do passado, mesmo quando este passado teve momentos tão dramáticos nas populações locais, não foi consensual. Alguns habitantes consideram o monumento

129 A estátua do navegador foi inaugurada em 25 de agosto de 1956, no âmbito da visita presidencial de Francisco Craveiro Lopes [1894|1951-1958|1964]. Verhjei, G. (2011). *Monumentalidade e espaço público em Lourenço Marques nas décadas de 1930 e 1940. Dois casos de estudo*. Lisboa, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, 91, 125.

130 Para Gerbert Verhjei, as duas estátuas foram recolocadas «por figurarem personagens historicamente ligadas à ilha». Verhjei, G., *Monumentos coloniais*, 40.

131 No âmbito da nossa investigação não foi possível determinar as datas precisas de remoção, acondicionamento e restituição da estátua de Camões na Ilha de Moçambique, muito embora tudo aponte para que tenha sido removida ainda em 1975 e recolocada nos inícios da década de 1990, portanto vários anos antes da de Vasco da Gama, reintegrada no local atual em 2005. Até ao final do primeiro lustro da década de 1980 não havia vestígios da estátua de Camões na Ilha de Moçambique, ou mesmo da de Vasco da Gama, conforme atesta o relatório da Ilha de Moçambique elaborado pela Secretaria de Estado da Cultura de Moçambique com a parceria da Escola de Arquitetura de Aarhus da Dinamarca. (1985). *Ilha de Moçambique. Relatório. 1982-85*. Lourenço Marques: Secretaria de Estado da Cultura de Moçambique/ Arkitekteskolen I Aarhus. Nas muitas publicações editadas ao longo das décadas de 1970 e 1980 paira um total silêncio sobre a estátua camoniana, como no catálogo da exposição realizada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, em 1983, ao que tudo indica um evento organizado com a intenção de avançar com a recuperação patrimonial e a consequente classificação da Ilha de Moçambique como Património Mundial da UNESCO, o arquiteto português Viana de Lima mencionou a figura histórica de Camões na Ilha de Moçambique, mas omitiu qualquer referência escrita ou visual da obra escultórica de 1969. Lima, A. V. (1983). *A Ilha de Moçambique em perigo de desaparecimento: uma perspectiva histórica, um olhar para o futuro*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 19, 27-28, 78; Lisboa, E. (1996). *Camões, a Ilha de Moçambique e Nós*. *Oceanos*, 25, 77.

camoniano, assim como tantos outros, como um símbolo da ainda dominação colonial, extensível agora a um plano patrimonial e cultural da história da própria Ilha de Moçambique:

A destruição das estátuas coloniais, que constituíam símbolos da dominação portuguesa no território moçambicano logo após a independência nacional, foi como se fosse uma revolta o não reconhecimento dos feitos daqueles que deram suas vidas no solo moçambicano. As estátuas do Vasco da Gama e do Camões foram removidas e só voltaram a ser implantadas com a patrimonialização da Ilha. As pessoas queriam que, no lugar dessas estátuas portuguesas, fossem colocadas estátuas de personalidades nacionais que demonstraram a sua valentia nas guerras de resistência à penetração colonial em Moçambique; dos estivadores nos portos que durante séculos trabalharam e se revoltaram contra a exploração, a dominação colonial. [...] As histórias do Vasco da Gama, Luís de Camões, estas estão se perpetuando, porque estão escritas e documentadas e monumentadas¹³².

Este sentimento do espectro colonial português na Ilha de Moçambique¹³³ nem sempre é assim entendido por todos os habitantes daquela região. Durante a nossa estada em agosto de 2011, enquanto alguns anciãos nos explicavam, com inequívoco orgulho, que foi nela que Camões *escreveu* os seus *Lusíadas* – validando assim uma herança histórica conturbada, mas ainda assim comum a ambos os povos –,

132 O testemunho prestado por Chehe Hafiz Jamú, coordenador do projeto comunitário da Ilha de Moçambique, foi recolhido por Lúcia Omar entre fevereiro e março de 2012. Omar, L. L. & Júnior, E. S. (2014, dezembro-2015, abril). Patrimônio cultural e memória social na Ilha de Moçambique. *Revista CPC*. São Paulo, 18, 13, 17.

133 Na alocução proferida em Quissico, em 6 de outubro de 1963, o governador-geral de Moçambique, Manuel Maria Sarmiento Rodrigues – o anterior ministro do Ultramar – declarou publicamente que: “Moçambique só é Moçambique porque é Portugal”. Graça, P. B. (2011). Moçambique e os territórios vizinhos: ensaio de geo-história da I República. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Volume dedicado ao Sesquicentenário da Ascensão ao Trono do Rei D. Luís e ao Centenário da Proclamação da República, Lisboa, 129, 1-12, 107.

muitas foram as crianças que nos agarraram na mão primeiro para nos conduzir até à suposta casa e depois à estátua do Poeta.

Considerações finais:

A figura incontornável da cultura nacional, Luis Vaz de Camões, o *poeta-viajante* envolvido direta e ativamente no processo de expansão territorial portuguesa no Oriente a partir do século XVI, e que o próprio imortalizou na sua obra magna de *Os Lusíadas*, teve no decurso das comemorações celebrativas de 1969 a sua efigie multiplicada nos modelos de representação tradicionalmente aceites pelos especialistas.

Os festejos comemorativos dos quatrocentos anos da saída definitiva de Camões da Ilha de Moçambique destacar-se-iam das restantes quatro comemorações ocorridas em 1969 – como as de Vasco da Gama por exemplo – pela menor expressão celebrativa entre as sociedades locais e as da metrópole, em dimensão e na duração dos eventos. Tanto quanto sabemos, somente as festividades camonianas não dispuseram de um evento em Lisboa.

Circulando com maior ou menor impacto na província moçambicana, até alcançar inevitavelmente a metrópole portuguesa, as edições comemorativas móveis e de pequeno porte – as coleções filatélicas e as séries medalhísticas –, foram permitindo contribuir para a difusão do programa final das comemorações oficiais a decorrer naquela pequena ilha africana. Enquanto os selos postais foram produzidos em suporte de papel com uma ampla margem de distribuição, as medalhas, cunhadas em bronze e em prata, foram difundidas essencialmente nos meios mais elitistas dos círculos institucionais e dos circuitos colecionistas.

Mas entre as diversas obras comemorativas promovidas pelas comissões ganhou destaque, pela imponente física, simbologia histórica e exclusividade material, a escultura de Camões empunhan-

do o manuscrito de *Os Lusíadas* na Ilha de Moçambique, segundo uma imagem idealizada e algo romantizada integrada no projeto de recuperação e beneficiação dos principais eixos urbanísticos e arquitetónicos daquele território insular.

No quadro político-ideológico da época, as comemorações camonianas de 1969 permitiram à máquina propagandística e ideológica do Estado Novo continuar a difundir uma mensagem de cunho histórico-nacionalista português e europeísta, vincada por um sentimento de partilha e pertença identitária expresso na obra de *Os Lusíadas*. Contudo, não foi apenas o regime salazarista que se aproveitou politicamente da obra e do seu autor.

O mesmo Camões que fora recrutado pelos republicanos contestatários ao regime monárquico nos finais do século XIX¹³⁴, associando-o aos anseios de luta pela liberdade «cerceada pelo despotismo» – e que para muitos falecera em 1580, o ano em que D. Filipe I de Portugal [1527|1581-1598] começara a forjar a Monarquia Dual Ibérica com entrada no Reino¹³⁵ –, acabara por ser convocado uma vez mais para legitimar a presença portuguesa nos territórios em que começaram a irromper os movimentos independentistas da denominada Guerra da Libertação de Moçambique a partir de 1964.

Independentemente da forma e da matéria, e do impacto de cada peça ou conjunto, os elementos comemorativos camonianos permitiram assinalar o acontecimento histórico e impulsionar uma vez mais a biografia e a obra do Poeta. E neste caso, a escultura camoniana

134 Ramalho, A. C. (1975). *Estudos Camonianos*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 101-102.

135 Esta visão idealizada por Teófilo Braga e partilhada por muitos outros autores oitocentistas, como Ramalho Ortigão [1836-1915], Jaime Batalha Reis [1847-1935] ou Magalhães Lima [1850-1928], esteve patente ao longo do Tricentenário da Morte de Camões celebrado em 1880. João, M. I. (2011). Camões, símbolo da nacionalidade, *Sínteses afectivas: Teófilo Braga e os centenários*. Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura/ Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 17-18, 21-23, 29-30.

concebida por António Pacheco ocupou um lugar preponderante entre as demais peças celebrativas promovidas.

Mesmo que a estátua não tenha sido do agrado de todos e tenha, eventualmente, provocado alguns incómodos entre os membros das comissões e/ou do aparelho do Estado, tornar-se-ia de imediato num novo símbolo da presença histórica de Camões na Ilha de Moçambique. Poucos anos depois da sua inauguração, no decurso da visita realizada à Ilha na companhia de Amílcar Fernandes e de Rui Knopfli [1932-1997], o escritor Jorge de Sena [1919-1978] evocou a imagem escultórica no poema intitulado *Camões na Ilha de Moçambique*, redigido em 20 de julho de 1972, quem sabe se diante da própria estátua, muito embora esta não tivesse um atributo evocado, o laurel:

Não é de bronze, louros na cabeça,
nem no escrever parnasos, que te vejo aqui¹³⁶.

O Poeta maior português, com ou sem estátua erigida diante do imenso mar que banha a Ilha de Moçambique, «presente-se em tudo o que olhamos e nos rodeia, as vozes do passado... e no ar, perpassam nas brisas acariciantes os versos de Camões, que pelo entardecer afagam a velha cidade»¹³⁷.

Este estudo é dedicado às belas Margaridas e ao seu fiel “jardineiro” que fizeram florir a nossa estada naquela camoniana Ilha de Moçambique...

136 Sena, J. (1978). *Camões na Ilha de Moçambique*, *Poesia - III*. Lisboa: Moraes Editores, 189-190. Embora referindo-se ao monumento escultórico de Luis de Camões erguido em Lisboa na praça homónima, Joaquim Montezuma de Carvalho num artigo de opinião a criticar a entrevista cómica encenada por Raul Solnado, considerou o Poeta “mais monumental que o bronze”. Carvalho, J. M. de (1969, 2 de agosto). *Camões “entrevistado”*. *Notícias*, Lourenço Marques, 14434, 11.

137 (1970). *Livro de Ouro do Mundo Português*. Lourenço Marques [Maputo]: s.n., 309.

BIBLIOGRAFIA

FONTES ICONOGRÁFICAS:

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos | Fundo medalhístico.

Medalha comemorativa do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique* | 1969.

Coleção Milton Pedro Dias Pacheco | Fundo Camoniano.

Série filatélica IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969 | C.T.T. | Lourenço Marques | 1969.

Envelope do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969 | Clube Filatélico e Numismático de Moçambique - Lourenço Marques | 1969.

Envelope do IV Centenário de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969 | Tab. Desportiva | Lourenço Marques | 1969.

Seção Filatélica da Associação Académica de Coimbra.

Série filatélica IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. 1569-1969 | C.T.T. | Lourenço Marques | 1969.

FONTES DATILOGRAFADAS:

Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto. (2009). Voto de pesar e homenagem – Escultor [António] José Barroso Martins Pacheco. *Ata da Reunião da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto realizada no dia oito de janeiro de dois mil e nove.*

FONTES IMPRESSAS:

Camões, L. V. de. (1572). *Os Lvsiadas*. Lisboa: em casa de Antonio Gõçalvez.

Camões, L. V. de. (1883). *Os Lvsiadas*. Braga, T., Valente, S., Victor, J., Almeida, F. de & Marques, S. (dir.), Chagas, M. P. (pref.). *Homenagem a Camões. Grande Edição Manuscripta dos Lusíadas pelos Contemporaneos illustres de Portugal e Brazil*. Lisboa: Tip. Elzeviriana.

Camões, L. V. de. (1980). *Rimas*. Estudo introdutório de Silva, V. M. de A. e. Braga: Universidade do Minho. Reprodução fac-similada da edição de 1598.

Camões, L. V. de. (1595). *Rhythmas de Lvis de Camoes, diuididas em cinco partes, dirigidas ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho*. Lisboa: por Manoel de Lyra.

Correa, M. (1613). *Os Lvsiadas do Grande Lvis de Camoens, Principe da Poesia Heroica*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

- Couto, D. (1786). *Da Asia: dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e no descobrimento das terras, e mares do Oriente. Decada Oitava*. Lisboa: Regia Officina Typographica.
- Faria, M. S. (1624). *Discursos varios politicos*. Évora: por Manoel Carvalho, Impressor da Universidade de Évora.
- Linschoten, J. H. (1596). *Itinerario, Voyage ofte Schipvaert/van Jan Huygen van Linschoten naer Oost ofte Portugaels Indien*. Amesterdão: por Cornelis Claesz op't VWater.
- Mariz, P. (1613). Ao estudioso da lição Poetica. Correa, M., *Os Lvsias do Grande Lvis de Camoens. Principe da Poesia Heroica*. Lisboa: por Pedro Craesbeeck.

FONTES DE IMPRENSA:

Autores Anónimos/ Vários:

- (1963). *Anuário da Província de Moçambique: informações oficiais, comerciais, geográficas e históricas. 1963*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.
- (1965). *Anuário da Província de Moçambique: informações oficiais, comerciais, geográficas e históricas. 1964-1965*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.
- (1966). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1965. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.
- (1966). *Anuário da Província de Moçambique: informações oficiais, comerciais, geográficas e históricas. 1966*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.
- (1967). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1966. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.
- (1968). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1967. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 4, 71-72.
- (1968). *Anuário da Província de Moçambique: informações oficiais, comerciais, geográficas e históricas. 1967-1968*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.
- (1968, março). Informações e notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 513, 118-119.
- (1968, junho). Objectiva do Ultramar. *Boletim Geral do Ultramar*, 516, 129.
- (1968, julho-agosto). Informações e notícias. Ensino, investigação e cultura: Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 272-273.

(1968, julho-agosto). Informações e notícias. Museu Militar. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 241.

(1968, setembro-outubro). Informações e notícias. Filatelia: Cabo Verde. *Boletim Geral do Ultramar*, 519-520, 166-167.

(1969). *Anuário da Província de Moçambique: informações oficiais, comerciais, geográficas e históricas*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.

(1969, janeiro-fevereiro). Informações e notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 168.

(1969, janeiro-fevereiro). Objectiva do Ultramar. Medalha comemorativa do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, [120].

(1969, janeiro-julho). Informações e notícias. São Tomé e Príncipe: Artes e Letras/ Filatelia. *Boletim Geral do Ultramar*, 535, 202-203.

(1969, junho). Informações e notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 528, 165-167.

(1969, junho). Informações e notícias. Filatelia: [selos comemorativos do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique]. *Boletim Geral do Ultramar*, 528, 199.

(1969, julho-agosto). Informações e notícias. Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 529-530, 124-130.

(1969, julho-agosto). Informações e notícias. Filatelia: selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, 529-530, 196-197.

(1969, 17 de agosto). Audiência no Vaticano. Um exemplar da primeira edição de "Os Lusíadas" oferecido ao papa por filiados da M. P. *Notícias*. Lourenço Marques, 14448, 1-32.

(1969, setembro-dezembro). Informações e notícias. II Centenário da Transferência da capital de Timor para Díli. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 256.

(1969, setembro-dezembro). Informações e notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 201-202.

(1969, setembro-dezembro). Informações e notícias. Arte e Letras: Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 257.

(1969, setembro-dezembro). Informações e notícias. Filatelia: selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 266-270.

(1969, 3 de novembro). [Cerimónias comemorativas do V aniversário do nascimento de Vasco da Gama]. *Notícias*. Lourenço Marques, 14524, 1.

(1969, 6 de novembro). [Vista aérea da Ilha de Moçambique [...] onde no corrente mês se efectuará o encerramento das comemorações centenárias do nascimento de Vasco da Gama e da estada de Camões naquelas praias de encanto]. *Notícias*. Lourenço Marques, 14527, 1.

(1969, 12 de novembro). Programa Oficial. O V Centenário de Vasco da Gama e a Estada de Camões na Ilha de Moçambique solenemente comemorados. *Notícias*. Lourenço Marques, 14533, 3.

(1969, 12 de novembro). Um cruzeiro no “Infante D. Henrique” integrado nas comemorações camoneanas. *Diário de Moçambique*, 6763, 1.

(1969, 20 de novembro). Chegou ontem à Beira o “Infante D. Henrique” em viagem para a Ilha de Moçambique. *Notícias*. Lourenço Marques, 14541, 1-2.

(1969, 20 de novembro). O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira. *Diário de Moçambique*, 6770, 2.

(1969, 22 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1.

(1969, 22 de novembro). Esta é a estátua a Luis de Camões que no Domingo será inaugurada na Ilha de Moçambique. *Notícias*. Lourenço Marques, 14543, 4.

(1969, 22 de novembro). O Governador-Geral parte hoje para o Norte. As cerimónias de amanhã na histórica Ilha de Moçambique. *Notícias*. Lourenço Marques, 14543, 1, 4.

(1969, 24 de novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1-3.

(1969, 25 de novembro). *Diário de Moçambique*, 6775.

(1969, 6 de dezembro). Comemoração dos dois centenários. *Notícias*. Lourenço Marques, 14556, 16.

(1970, 2 de março). Dia da Cidade de Moçambique: A Ilha de Moçambique. Encontro de mil caminhos. *Diário de Moçambique*, 6890, 5-6.

(1970, 2 de março). Dia da Cidade de Moçambique: programa das festas da cidade de Moçambique. *Diário de Moçambique*, 6890, 5.

(1970, 2 de março). Dia da Cidade de Moçambique: a nova velha ilha.... *Diário de Moçambique*, 6890, 6-7.

(1970, 29 de março). [Os Correios do Vaticano: Expo-70]. *Diário de Moçambique*, 6895, 5.

(1970, 14 de junho). Comemorado condignamente em Nampula o dia 10 de Junho – Dia da Raça. *Diário de Moçambique*, 6970, 13.

(1970, 19 de junho). Comemorações do “Dia de Portugal”. *Diário de Moçambique*, 6975, 7.

(1970, 24 de junho). [Medalha comemorativa do V Centenário do Nascimento de D. Manuel I]. *Diário de Moçambique*, 6980, 10.

(1970, 1 de julho). Medalha comemorativa do Concílio Vaticano I. *Diário de Moçambique*, 6987, 8.

(1970, 12 de julho). [Suazilândia emite série de selos comemorativos para os Jogos da Commonwealth]. *Diário de Moçambique*, 6998, 10.

(1970, 24 de outubro). Mini-monumental: uma desolação estatuária diminui uma cidade inteira. *Diário de Moçambique*, 7096, 2.

(1972). *Comemorações do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas"*. Lourenço Marques: [Comissão das Comemorações do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas"].

(1973). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1972. *Monumenta: boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 9, 73-75.

(1973). *Anuário do Estado de Moçambique: informações oficiais, comerciais, geográficas e históricas. 1972-1973*. Lourenço Marques: Tip. Minerva Central.

Carvalho, J. M. (1969, 2 de agosto). Camões "entrevistado". *Notícias*. Lourenço Marques, 14434, 11-12.

L. (1970, 12 de junho). Solenemente comemorado o "Dia de Portugal" em toda a Província. *Diário de Moçambique*, 6968, 1, 12.

[Pereira, T. & Alberto, C.?]. (1969, 23 de novembro). A Ilha de Moçambique na véspera das comemorações centenárias. *Notícias*. Lourenço Marques, 14544, 1, 4.

[Pereira, T. & Alberto, C.?]. (1969, 23 de novembro). História Secular: A Ilha de Moçambique estará hoje em festa comemorando o IV Centenário da Estada da Camões. Imponentes cerimónias de extraordinário significado com a presença do Chefe da Província. *Notícias*. Lourenço Marques, 14544, 1, 4.

[Pereira, T. & Alberto, C.(?). (1969, 24 de novembro). Comemorando dois centenários: Revestiram-se do maior brilhantismo as solenes cerimónias realizadas ontem na histórica Ilha de Moçambique. O Governador-Geral presidiu aos diversos actos. *Notícias*. Lourenço Marques, 14545, 1, 4.

[Pereira, T. & Alberto, C.?]. (1969, 24 de novembro). Património comum da grei: apoteose condigna de um grande acontecimento nacional. *Notícias*. Lourenço Marques, 14545, 1, 4.

Sá, J. (1969, 11 de maio). Camões em Moçambique. *Notícias*. Lourenço Marques, 14002, 11-12.

Saavedra, R. (1969, 3 de outubro). Estátua de Camões para a Ilha de Moçambique: o escultor António Pacheco dará por concluído dentro em breve o seu novo monumento. *Notícias*. Lourenço Marques, 14495, 4.

FONTES DE LEGISLAÇÃO:

- (1955, 3 de maio). Ministério do Ultramar. Direcção-Geral de Administração Política e Civil - Portaria n.º 15366. *Diário do Governo* - I série, 96/1955, 353-354.
- (1961, 12 de maio). Ministério das Obras Públicas. Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – Decreto n.º 43687. *Diário do Governo* - I série, 111/1961, 575.
- (1969, 28 de maio). Ministério do Ultramar. Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações. Serviços de Valores Postais – Portaria n.º 24090. *Diário do Governo* - I série, 126/1969, 590.
- (1972, 23 de dezembro). Ministério das Comunicações – Correios e Telecomunicações de Portugal - Portaria n.º 771/72. *Diário do Governo* - I série, 297/1972, 2038.

OBRAS E ESTUDOS GERAIS:

Autores Anónimos/Vários:

- (1985). *Ilha de Moçambique. Relatório. 1982-85*. Lourenço Marques: Secretaria de Estado da Cultura de Moçambique/ Arkiteksholen I Aarhus.
- (1970). *Livro de Ouro do Mundo Português*. Lourenço Marque: [s.n.].
- Abreu, J. G. R. P. (2006). *Escultura pública e monumentalidade em Portugal (1948-1998): estudo transdisciplinar de História da Arte e Fenomenologia Genética* (Dissertação de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Albuquerque, Luís de [coord.]. (1979). *Memória das Armadas qve de Portvgal pasaram ha Índia. E esta primeira e ha com qve Vasco da Gama partio ao descobrimento dela por mamdado de ElRei Dom Manvel no segvndo anno de sev reinado e no do nascimento de Xpõ de 1497*. Lisboa: Edição da Academia das Ciências de Lisboa.
- Almeida, M. L. (dir.) & Martins, J. V. P. (introd.). (1972). *Os Lusíadas 1572-1972: Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalhística de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Almeida, M. L. (dir.). (1973). *Medalhas Comemorativas do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».
- Azevedo, M. A. S. (1972). Uma nova e preciosa espécie iconográfica quinhentista de Camões. *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, 42-43, 96-103.

- Carvalho, G. (2011). *Martins Correia, Laureatus: o mestre da forma e da cor*. Lisboa: Althum.com.
- Castro, A. P. (2007). *Páginas de um Honesto Estudo Camoniano*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- Cidade, H. (1992). *Luís de Camões: o Lírico*. Lisboa: Presença.
- Costa, A. (2013). *Arte em Moçambique: entre a construção da nação e o mundo sem fronteiras (1932-2004)*. Lisboa: Verbo.
- Coutinho, B. X. (1946-1948). *Camões e as artes plásticas: subsídios para a iconografia camoneana*. Porto: Livraria Figueirinhas. 2 volumes.
- Coutinho, B. X. (1982). *Camões no mundo do espaço cultural*. Lisboa: Academia Portuguesa da História. Separata de: "Actas do Colóquio Presença de Portugal no Mundo".
- Coutinho, B. X. (1980). *A edição «princeps» de «Os Lusíadas»*. Braga: [s.n.]. Separata de: *Bracara Augusta*, 77, 90.
- Coutinho, B. X. (1975). *Ensaio III: Camões, arte e história portuense*. Porto: Livraria Fernando Machado.
- Coutinho, B. X. (1974). *A medalhística camoniana do século XVIII aos nossos dias*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».
- Coutinho, B. X. (1950, janeiro-junho). Uma revelação: o nome do autor do célebre retrato-iluminura de Camões datado de 1581 (113-116). *Mvsev*, 6, 15-16.
- Cruz, M. A. L. (2011). Camões e Diogo do Couto. In Silva, V. A. e (coord.). *Dicionário de Luís de Camões (134-140)*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Duarte, M. D. C. (2012). *Fátima e a criação artística (1917-2007): o Santuário e a Iconografia: a arte como cenário e como protagonista de uma específica mensagem* (Dissertação de doutoramento). Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. 4 volumes.
- Ferro, M. (2003). A épica rejeitada. *Santa Barbara Portuguese Studies*. Santa Barbara: Center for Portuguese Studies at the University of California *Special issue Luiz Vaz de Camões Revisitado*, 7, 221-243.
- Figueiredo, A. (1981). Camões e o expansionismo europeu. In *Estudos sobre Camões: páginas do Diário de Notícias dedicados ao poeta no 4.º Centenário da sua morte (49-57)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda/ Editorial Notícias.
- Fonseca, P. Q. (1972). Algumas descobertas de interesse histórico-arqueológico na Ilha de Moçambique. *Monumenta: publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 8, 55-71.
- [Fonseca, P. Q. da]. (1970). Homenagem ao Dr. Baltazar Rebello de Souza. *Monumenta: boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 5-6.
- França, J.-A. (1991). *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*. Lisboa: Bertrand Editores.
- Garcia, J. L. L. (2011). *Ideologia e propaganda colonial no Estado Novo: da Agência Geral das Colónias à Agência Geral do Ultramar. 1924-1974* (Tese de doutoramento). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Garcia, M. G. S. (Org.), França, J.-A. (Pref.). (1983). *Luís de Camões: álbum de estampas*. Lisboa: Banco de Portugal.
- Graça, P. B. (2011). Moçambique e os territórios vizinhos: ensaio de geo-história da I República. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 129, 1-12, 107-115. Volume dedicado ao Sesquicentenário da Ascensão ao Trono do Rei D. Luís e ao Centenário da Proclamação da República
- Iria, A. (1969). Prefácio. *Catálogo da Exposição Itinerante, Cartográfica e Iconográfica, Comemorativa do [I]V Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino.
- João, M. I. (2011). Camões, símbolo da nacionalidade. In *Sínteses afectivas: Teófilo Braga e os centenários* (16-43). Ponta Delgada: Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional da Cultura/ Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- João, M. I. (2005). Património e memória da nação: a iconografia de Camões. *Discursos. Língua, cultura e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta, 6, 121-152.
- Knopfli, R. (1989). *A Ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique*. Lisboa: Edições 70.
- Lima, A. V. (1983). *A Ilha de Moçambique em perigo de desaparecimento: uma perspectiva histórica, um olhar para o futuro* [catálogo da exposição]. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lisboa, E. (1996). Camões, a Ilha de Moçambique e Nós. *Oceanos*, 25, 76-80.
- Lobato, A. M. (1970). Conservar e modernizar, na Ilha de Moçambique. *Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 7-10.
- Lobato, A. M. (1969, novembro). *Comemorações do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas"* [Programa]. Lourenço Marques: Comissão Provincial do IV Centenário da 1.ª Publicação de «Os Lusíadas».
- Lobato, A. M. (1969, novembro). *Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique. Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Provincial dos Centenários.
- Lobato, M. (1996). A Ilha de Moçambique antes de 1800. *Oceanos*, 25, 8-26.
- Mariz, V. F. (2013). A musealização de monumentos e o restauro arquitectónico em Moçambique. In *Actas do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa* (237-244). Lisboa: International Council of Museums.
- Mariz, V. F. (2014). A salvaguarda do património arquitectónico ultramarino durante o Estado Novo (1958-1974). In Farré Torras, B. (coord.), *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França* (28-35). Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores da Arte.
- Martins, S. (2007). As vidas de um poeta maior: sobre Camões e Aquilino Ribeiro. In I. Almeida, M. I. Rocheta & T. Amado (org.), *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues*,

- Maria Lucília Pires, Maria Vitalina Leal de Matos* (851-866). Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Markl, D. L. (1973). *Fernão Gomes, um pintor do tempo de Camões: a pintura maneirista em Portugal*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de os «Os Lusíadas».
- Matos, L. A. (2003). *Escultura em Portugal no século XX (1910-1969)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Matos, M. V. L. de (2011). Biografia de Luís de Camões. In Silva, V. A. e (coord.), *Dicionário de Luís de Camões* (80-94). Lisboa: Editorial Caminho.
- Nascimento, A., Rocha, A., Rodrigues, E. (2009). *Ilha de Moçambique*. Maputo: Alcance Editores.
- Nunes, P. S. (2005). Arte Pública. In Pereira, J. F. (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa* (58-64). Lisboa: Caminho.
- Nunes, P. S. (2005). Correia, Joaquim Martins. In Pereira, J. F. (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa* (161-165). Lisboa: Caminho.
- Nunes, P. S. (2005). Duarte, António. In Pereira, J. F. (dir.), *Dicionário de Escultura Portuguesa* (208-215). Lisboa: Caminho.
- Pacheco, M. P. D. (2021). Evocações camonianas: o IV Centenário da Estada de Luis Vaz de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969). Parte I. *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, 51, 157-192.
- Pacheco, M. P. D. (2014). Do mito para a tela: as representações das Tágides camonianas na arte portuguesa de Oitocentos. In Vilela, A. L., Esteves, E., Mário, F. S. & Refóios, M. (ed.), *Representações do Mito na História e na Literatura* (279-292). Évora: Centro de Estudos em Letras/ Instituto de Investigação e Formação Avançada/ Universidade de Évora.
- Pereira, J. C. S. (2007). Notas sobre Camões e o(s) Modernismo(s) em Portugal. In *Estudos para Maria Idalina Resina Rodrigues, Maria Lucília Pires, Maria Vitalina Leal de Matos* (519-536). Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Portela, A. (1982). *Salazarismo e artes plásticas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Ramalho, A. C. (1975). *Estudos Camonianos*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura/ Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. A. G. (1968). *Camões e a sua vera efigie: a propósito de um retrato desconhecido*. Lisboa: [s.n.].
- Rodrigues, V. (c.1577). Primeiro Roteiro da Carreira da Índia. In Costa, A. F. (1940), *Roteiros portugueses inéditos da Carreira da Índia do século XVI* (87-116). Lisboa: Agência Geral das Colónias.
- Rosas, F. & Brito, J. M. B. (1996). *Dicionário de História do Estado Novo*. [Lisboa]: Círculo de Leitores. 2 volumes.

- Santos, R. A. (1997). O design e a decoração em Portugal, 1900-1994. In Pereira, P. (dir.), *História da Arte Portuguesa* (437-505). [Lisboa]: Círculo de Leitores.
- Sena, J. (1978). Camões na Ilha de Moçambique, *Poesia - III*. Lisboa: Moraes Editores.
- Silva, C. B. (2015?). *Vultos da nossa História*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Soares, E. (1971). *História da Gravura Artística em Portugal*. Lisboa: Livraria Samcarlos, II.
- Souza, B. R. (1969). *Um ano de governo, 1968-1969: colectânea de alocações e mensagens proferidas, de improviso, por sua Excelência o Governador-Geral de Moçambique, Dr. Baltazar Rebello de Souza, recolhidas de elementos constantes dos boletins do Centro de Informação e Turismo e da imprensa e rádio*. Lourenço Marques: Centro de Informação e Turismo de Moçambique.
- Torgal, L. R. (2009). *Estados Novos, Estado Novo: ensaios de história política e cultural*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2 volumes.
- Torgal, L. R. (1989). *História e Ideologia*. Coimbra: Edições Minerva.
- Verheij, G. (2014). Monumentos coloniais em tempos pós-coloniais: a estatuária de Lourenço Marques. In Farré Torras, B. (coord.), *Actas do IV Congresso de História da Arte Portuguesa em Homenagem a José-Augusto França* (36-45). Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores da Arte.
- Verheij, G. (2011). *Monumentalidade e espaço público em Lourenço Marques nas décadas de 1930 e 1940. Dois casos de estudo* (Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea). Lisboa.

FONTES DIGITAIS:

- Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto [AFBAUP]:
 “António José Barroso Martins Pacheco”. *Inventário Alumni [da Escola de Belas-Artes do Porto] (1836-1957) organizado por ordem alfabética, 1836-1957*, Porto.
https://arquivo.fba.up.pt/docs/Alumni_1836_1957.pdf
- Livro de Matrícula*, n.º 5, 1949-1954, Porto – Cota 282
<https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/1280>
- Elias, H. & Marques, I. (2012, junho). As últimas encomendas de arte pública do Estado Novo (1965-1985). *on the w@terfront*, 23, 5-29.
https://www.researchgate.net/publication/277062018_As_ultimas_encomendas_de_arte_publica_do_Estado_Novo_1965-1985
- Milheiro, A. V. (2013). Cabo Verde e Guiné-Bissau: itinerários pela Arquitectura Moderna Luso-Africana (1944-1974). In Roque, A. C., Torrão, M. M. & Marques, V. R. (coord.), *Atas do Colóquio Internacional Cabo Verde e Guiné-Bissau: Percursos do Saber e da Ciência*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, [20 pp.].
<https://coloquiocvgb.files.wordpress.com/2013/06/p05c01-ana-vaz-milheiro.pdf>

- Milheiro, A. V. (2012, julho-dezembro). O Gabinete de Urbanização Colonial e o traçado das cidades luso-africanas na última fase do período colonial português. *Urbe: revista brasileira de gestão urbana*, 4, 2, 215-232.
<https://www.scielo.br/j/urbe/a/ZR5BhzSm6h4wMpTfL4zTyw/abstract/?lang=pt>
- Milheiro, A. V. & Fiúza, F. (2013). A Arquitetura dos Gabinetes de Urbanização Colonial em Moçambique (1944-1974). In A. C. Roque & E. Rodrigues (coord.), *Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, [23 pp.].
https://2012congressomz.files.wordpress.com/2013/09/t06c05-ana-milheiro-final_corrigido.pdf
- Mendonça, L. F. & Mendonça, R. (2021). Culto dos monumentos históricos e projeto imperial na década de 1940: negociando um passado colonial em Maputo e além. *Urbe: revista brasileira de gestão urbana*, 13, 1-17.
<https://doi.org/10.1590/2175-3369.013.e20200157>
- Omar, L. L. & Júnior, E. S. (2014, dezembro-2015, abril). Patrimônio cultural e memória social na Ilha de Moçambique. *Revista CPC*. São Paulo, 18, 4-28.
<https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/74968>
- Santos, B. de S. (2021, 25 de agosto). Borba Gato (1649-). O colonialismo não é passado. Se fosse, as estátuas pelo mundo afora estariam sossegadas e entregues às pombas. *Carta Maior. O Portal da Esquerda*.
<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Borba-Gato-1649-/4/51409>
- Weber, C. (2011?). As artes plásticas e a arquitetura em Portugal no Estado Novo. *Comunicar na República. 100 Anos de Inovação e Tecnologia* (97-105). Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações.
<http://bh1.fpc.pt/Nyron/Library/Catalog/winlibimg.aspx?skey=55F84C358C5C424282CF825A3D8FB743&doc=10151&img=2924>

(Página deixada propositadamente em branco)